

ESTIM INTERNO DA DIVISÃO DE EDUCACAO, ASSISTÊNCIA E RECREIO

DEPARTAMENTO DE EDUCACAO, ASSISTÊNCIA E RECREIO

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

ANO III

NÚMERO 2

FEVEREIRO DE 1949

Chefe da Divisão em Exercício: Noêmia Ippolito

Chefe da Secção Técnico-Educacional em Exercício: Geloira de Campos

Chefe da Secção Técnico-Assistencial: Maria Apparecida Duarte

S U M Á R I O

Pgs.

SEÇÃO ESPECIAL

"Cooperação" - p/Dr. João de Deus Bueno dos Reis - Médico-Diretor Substituto do Departamento de Educação, Assistência e Recreio.....	37
--	----

EDUCAÇÃO

"O sonho da vovózinha na véspera de Natal" - p/Regina Maria de Mattos Púrita - Jardineira do P.E.Lins de Vasconcelos.....	40
---	----

EDUCAÇÃO FÍSICA

"Valsa das Estrólas" "A Fonte". Balados; coreografias e ensaios p/Nadyr Cosentino de Macedo - Professora de Educação Física do P.E.Lins do Vasconcelos	42
"Funcionamento de Piscinas"	44

PLANTÃO MÉDICO NAS UNIDADES EDUCATIVO-ASSISTENCIAIS DA DIVISÃO DE EDUCACAO, ASSISTÊNCIA E RECREIO

58

ALMOXARIFADO

"Relação do material existente no Almoxarifado de Ed 1 em janeiro de 49.	59
--	----

BIBLIOTECA ESPECIALIZADA

68

CALENDÁRIOS

69

INSTRUÇÕES, AVISOS, APELOS

71

NOTICERIO

72

REUNIÃO TÉCNICO-CONJUNTA

74

REUNIÃO MARCADA

74

SEÇÃO ESPECIAL

COOPERAÇÃO

Existem temas os quais, embora antiquíssimos, estão sempre na ordem do dia, exigindo nossa atenção. Um deles é o relativo ao trabalho em grupo, ao trabalho em conjunto, ao trabalho em colaboração, ao trabalho em cooperação, ou, como ainda dizemos neologicamente, trabalho em equipe.

Embora os homens, desde tempos imemoriais, se reúnham em grupos para os mais diferentes misteres, e frequente encontrarmos, ainda hoje, em pleno século XX e em cidades civilizadas, pessoas que se dizem cultas e que não sabem cooperar ou, mesmo simplesmente, viver em sociedade.

Não me quero referir aos problemas individuais de adequação à sociedade, de adaptação cultural, de formação da personalidade ou mesmo de neuro ou psicopatias. Quero abordar a questão da justa consideração das ideias, necessidades e aptidões de todos e de cada um dos elementos compreendidos no sistema de trabalho em equipe, afim de que fique bem esclarecido que "a cooperação é fundamentalmente necessária à solução dos problemas pessoais e coletivos, principalmente daqueles, nos quais, o indivíduo, independentemente de sua vontade não é auto-suficiente para resolvê-lo.

Se compulsarmos o Regulamento da Divisão de Educação, Assistência e Recreio e nos detivermos na análise discriminativa das atribuições de cada técnico e da harmonização das técnicas entre si, ficaremos verdadeiramente surprezados com a previsão nela contida, principalmente no que diz respeito aos cuidados a serem dispensados nos educandos de nossas Unidades Educativo-Assistenciais, cuidados estes que visam a formação das crianças e adolescentes em elementos positivos inteiramente integrados na sociedade.

Não basta, porém que o Regulamento de Ed.1 dite as diretrizes a serem seguidas; necessário se torna que os técnicos e demais funcionários as aceitem conscientemente, as observem, se comprendam e se completem, harmonizando suas atribuições, de modo a que o educando não perceba dualidade de orientação, incompreensões, ou venha a ressentir-se maleficamente das soluções de continuidade educativo-assistencial estabelecidas entre as diferentes técnicas.

O trabalho em equipe pode ser de várias formas. Neste particular, o advento da última guerra ampliou consideravelmente os nossos conhecimentos.

A necessidade de manobras rápidas e decisivas fez com que vários estudiosos se entregassem completamente às investigações e a solução de problemas daquela natureza. Equipes de combatentes ou de socorristas estavam tão acostumadas às suas tarefas, que, a quem fosse dado apreciá-las em suas operações, davam a impressão de um conjunto de peças de uma única máquina, funcionando, sincrônica e perfeita harmonia.

As manobras de evacuação de feridos do campo de batalha, atingiram tal perfeição que, aviões-ambulâncias desceram em campo inimigo e conseguiram, sob o fogo cruzado destes, recolher feridos em número por vezes superior a duas dezenas, tudo na mais perfeita ordem e em menos de cinco minutos, com um efetivo de apenas oito homens entre médicos, enfermeiros e padoleiros. - Tais manobras eram tão bem estudadas, treinadas e executadas que a perda de tempo era reduzidíssima ou mesmo praticamente inexistente e todos os componentes da equipe estavam seguros de que o mínimo erro da conduta poderia acarretar a perda total do avião, de seu efetivo e do resultado da empresa.

Considerando que tais resultados foram obtidos na guerra, onde inúmeros fatores contrariavam o êxito das missões, porque não conseguirmos melhores resultados em nossos trabalhos de equipe, em tempo de paz?

A resposta não nos parece difícil. A emulação, a unidade de ponto de vista e a de interesses, presentes em tempo de guerra, fazem com que muitas dificuldades sejam superadas e que, infelizmente, não se dá na vida civil, em tempo normal.

Dentre as formas conhecidas de cooperação, poderemos enumerar as

seguintes:

- 1) - a cooperação de ação exclusivamente mecânica. É a que encontramos no exemplo de operários que se auxiliam na consecução de uma mesma tarefa qual seja por exemplo, a de encher um caminhão de terra;
- 2) - a cooperação involuntária. Exemplo: É a de pessoa que, praticando hábitos higiênicos, zela diretamente por sua saúde e, indiretamente, coopera na melhoria do índice higiênico e de morbilidade do meio a que pertence;
- 3) - a cooperação impulsiva. Exemplo: A manifestação de solidariedade prestada por colegas que protestam contra a injustiça de que foi vítima um de seus membros, é um exemplo bem claro desta forma de cooperação;
- 4) - a cooperação individualista. - Elementos que, visando exclusivamente seu bem empregam seus esforços na execução de uma tarefa. Posto que individualisticamente, cooperam muitas vezes, para o bem coletivo. Esta forma se confunde com a do item 2;
- 5) - a cooperação de assistência. - É uma forma de cooperação também indireta; prestando assistência a certos elementos, contribue, com os demais, para o êxito da campanha à qual estão empenhados;
- 6) - a cooperação na direção. - É constituída pela cooperação de planejamento. Da coparticipação de vários elementos na elaboração de um plano, resultarão para este último, maiores possibilidades e probabilidades de êxito;
- 7) - a cooperação de idoneidade. - É a cooperação prestada pelas pessoas mais capazes; e a cooperação técnico-especializada ou de orientação, a qual, ensinando como melhor fazer, participa diretamente nos resultados que serão conseguidos;
- 8) - a cooperação democrática, tão pregada e tão mal compreendida entre nós. "Surge do desejo de unidade, de uma cabal auto-expressão do grupo e do seu bem estar".

A cooperação democrática é muito árdua e difícil de se alcançar devido às suas múltiplas exigências; a técnica para desenvolvê-la é muito difícil e o seu aprendizado, mais ainda. Para que a cooperação democrática se cumpra cabalmente, não basta que o indivíduo tenha consciência da ajuda que empresta ao grupo, pois, conseguirá muito mais se compreender que, através dela, também ele se beneficia e que, portanto, é seu dever cooperar sempre, o mais eficientemente que possa, não permanecendo numa situação de expectativa de quem tudo espera, sem nada ter feito para merecer.

O tema deste trabalho foi tratado, até o momento, sob um prisma mais geral. É meu desejo, porém, que os técnicos evidenciem esforços no sentido de:-

- 1) - cada vez mais se aperfeiçoarem na técnica do trabalho em conjunto, em cooperação;
- 2) - pelo exemplo e aproveitando todas as ocasiões que possíveis, incutir nos espíritos dos educandos que se acham sob sua orientação, o valor da cooperação, principalmente para eles que terão de defrontar-se com um mundo muito mais complexo que este, dadas as diretrizes sociais que se vêm delineando.

Saber trabalhar em cooperação é fruto de estágio avançado dos espíritos, dignificando os elementos que compõem o trabalho em equipe, ainda quando os resultados sejam mantidos no anonimato.

Finalizando é preciso ainda encarecer que, não sómente a complexida-

de sempre crescente das instituições sociais, como, também, fatores individuais diferenciadores interferem sobre o sincronismo e eficiência da atuação, prejudicando o êxito das realizações. Tais interferências devem ser anuladas, tanto quanto possível, através de um trabalho de verdadeira catequese e de reeducação individual, realçando-se o trabalho em equipe e evitando-se a adoção de prêmios individuais, sempre com vistas na mútua interdependência dos indivíduos na sociedade, interdependência esta sinônimo de progresso da civilização e garantia do aperfeiçoamento da humanidade.

Dr. João de Deus Bueno dos Reis

Médico. - Director Substituto do Departamento de Educação, Assistência e Recreio.

S E R Á S F E L I Z !

ELZA MOURÃO DE CARVALHO

Ed. Sanitária do Parque Infantil de Casa Verde

Assim que Manhã se chama,
De manhã, logo cedinho,
Salto depressa da cama,
Todo contente e espertinho.

Já dormi bastante... Agora
Para o banho! Incontinente.
Logo após, sem mais demora,
Psfregão e lavo meus dentes.

Depois... as unhas. Cuidado!
Muito bem aparadinhas.
O cabelo bem penteado
E os roupas acomodinhas.

Estou pronto! Oh! Falta o que?
A sacolinha e o lenço
É um lanche bom, já se vê,
É coisa que não dispenso.

Agora... o Parque que gosto,
Bem limpinho e bonito!
Então Manhã
Beija-me e diz:
-Se assim fizeres
Cada manhã,
Terás saúde,
Serás feliz!

EDUCAÇÃO

O SONHO DA VOVÓZINHA NA VÉSPERA DE NATAL

Pequeno drama infantil escrito e ensaiado
pela Educadora Jardineira - 1º período -
P.I. 12.-

CENÁRIO: - Sala de estar, pequena mesa, cadeiras, linda árvore de Natal símbolo da festiva data. Ao fundo, pequeno presépio armado em cartolina mostrando Aquél que veio ao mundo para nos salvar. Espalhadas pelo chão vêm-se restos de papeis, sinal dos últimos retoques deixados ali por mãos descuidadas...

Entra trôpega dando o braço a uma risonha criança a querida vovózinha que contemplando extasiada a linda árvore de Natal ali arrumada diz:-

Vovózinha:- Bendita e alegre Noite de Natal ! Todos os anos as mesmas festas e grande alegria reina em todos os lares... no meu tempo...

Nétinha:- Vovózinha não pense "no seu tempo" alegre-se com este grandioso dia; vamos comemorá-lo festivamente e esperar o Papai Noel...

Entram alvorocadas de mãos dadas, os outros netinhos (meninas e meninos) e mais alguns amiguinhos seus vizinhos. (Nesse momento as crianças entram cantando "O Natal já vem". Música tirada do "álbum de Natal" de "Luiza"). Com aquela entrada alegre do bando de crianças a sala enche-se de alegria parecendo que tudo sorri... Até a boa vovózinha que há minutos estava pensativa, contaminada pelos sorrisos infantis ali rogoritantes fica contemplando as lindas crianças.

Após fazerem uma roda alegre à volta da árvore, as crianças param perto da vovózinha e começam a conversar.

1ª criança:- Que linda árvore de Natal !

2ª criança:- Olhem as bolas ;

3ª criança:- Olhem as estrelinhas ;

4ª criança:- Olhem as vélinas !

Criança vizinha:- E aquele presépio? Ele está uma beleza ; Foi feito por vocês?

Crianças:- Sim. Nós fizemos e arrumamos para que o papai e a mamãe tivessem uma linda surpresa.

Vovózinha, ralhando:- Vão dormir meus netinhos. O papai Noel já vem e se encontrar vocês acordados não deixará nenhum brinquedo...

Crianças:- É mesmo ! gritam em círculo. Vamos depressa porque já são 10 horas e ele não tarda a chegar. (falam todos os netinhos ao mesmo tempo).

Olham mais uma vez para a árvore e vão pedir a benção e beijar as mãos da vovózinha que sorrindo lhes diz:

Vovózinha:- Vão dormir com os anjos, sonhem com os lindos brinquedos que o Papai Noel vai trazer. Jesus os abençoe...

As crianças saem alegres cantando "O Natal já vem" e a vovózinha passeia pela sala até que cansada senta-se ao pé da árvore de Natal e adormece...

O SONHO DA VOVÓZINHA

Surgem no cenário sete bailarinas que em vestidos vaporosos bailam ao som da valsa "quando você tinha 20 anos" (da Opereta: O vendedor de passaros). E a vovózinha vai sonhando com o rodopiar gracioso das bailarinas... Uma das bailarinas tem ao braço uma linda cestinha, que segura com grande zelo. Ao som dos últimos acordes da valsa, as suas mimosas maozinhas vão retirando da cestinha papel picadinho multicolor e vai espargindo sobre a alva cabeça da velhinha que adormecera impressionada com o cintilar das estrelas e os enfeites coloridos da árvore.

Ouve-se ao longe a voz infantil de uma menina. A netinha cansada de esperar pela vovó vem ver o que ela ficara fazendo... .

Entra chamando:-

Netinha:- Vovó, vovózinha ! venha dormir sinalo o Papai Noel não vem. Assustada exclama:- Meu Deus ! vovózinha estava dormindo. Chega pertinho da velhinha que está se espreguiçando e diz:- Vamos vovózinha esperar na cama, o bom velhinho. Deixe o sapato da senhora atraç da porta, queiro ver o que a vovózinha vae ganhar !

A velhinha levanta-se apoiada ao braço da netinha e sae devagarinho cantarolando a música que ouvira em seu lindo sonho... ,

Regina Maria de Mattos Purita
Jardineira do Parque Infantil Lins de
Vasconcelos.

* * * * * * * *

EDUCAÇÃO FÍSICA

"VALSA DAS ESTRELAS - A FONTE"

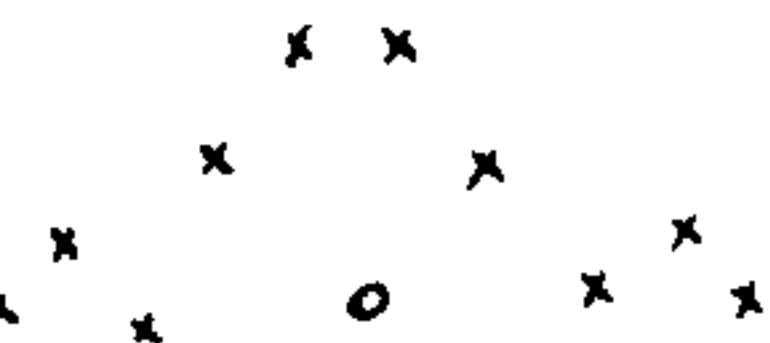
"VALSA DAS ESTRELAS"

Música: "Ondas do Danúbio" de Strauss

O bailado, compõe-se de um conjunto de dez meninas, que representam pedacinhos do céu, salpicados de estrelas. Há ainda uma estrela, mais brilhante, que se destaca do grupo, a solistas.

Na introdução, estão formadas da seguinte maneira:-

1ª figura



Iniciam o bailado, com graciosos e leves movimentos de braços, como se estivessem começando a brilhar, a aparecer no firmamento.

2ª figura



Sólo:- executa piruetas e graciosos movimentos para direita e esquerda.

Conjunto:- aos pares, com pequenas corridas, movimentam-se para formar um semi-círculo.

3ª figura



Sólo:- em passo de valsa e leves movimentos de braços, dança próximo aos pares.

Conjunto:- cada um, gira com o seu par, para direita e esquerda, até terminar o trecho da música.

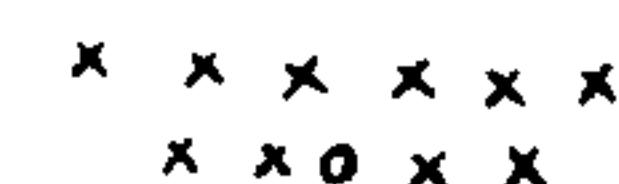
4ª figura



Sólo:- Com passinhos ligeiros e leves, dirige-se à frente, terminando com um movimento composto:- perna direita e braço direito à frente, depois, a mão dobra, na altura do peito e a perna vai para trás. Repete o movimento completo, para trás, direita e esquerda.

Conjunto:- mesmo movimento girando no lugar.

5ª figura



Todas abraçadas, dirigem-se à frente, em passo de valsa. Param em 3ª posição e oscilam os braços, quatro vezes para a direita e esquerda.

Sólo:- separa-se do conjunto com 4 piruetas.

6ª figura



Conjunto:- Em pequenos grupos, executam pião e no final abrem uma grande rôda.

Sólo:- Executa passinhos ligeiros, piruetas e "batements".

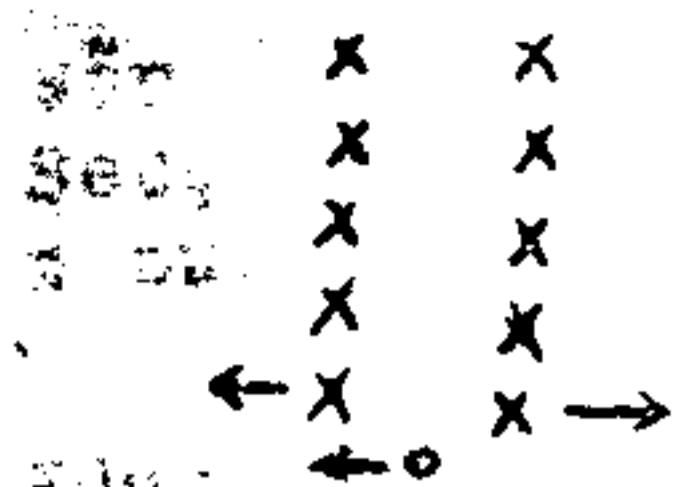
7ª figura



Sólo:- Dansa em volta da rôda.

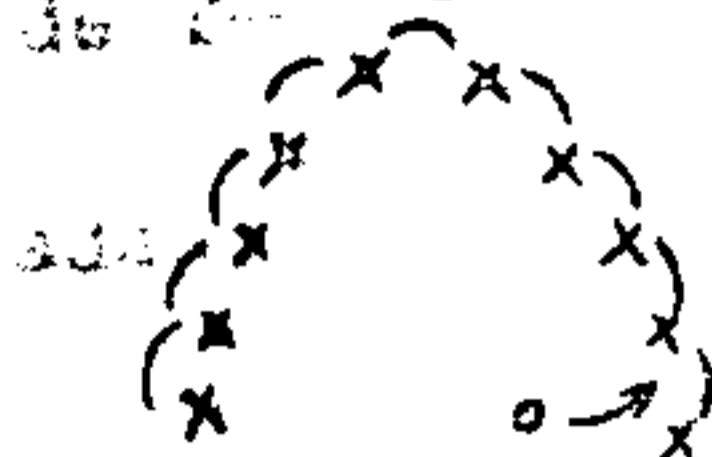
Conjunto:- Inicia uma troca entre os pares, encontrar novamente seu par. Em seguida, abraçadas, aos pares, giram no lugar.

8ª figura



Solo:- Executa algumas corridinhas e "arabesques". Direita e esquerda.
Conjunto:- Idem, abrindo e fechando as colunas.

9ª figura



Conjunto:- Forma arcos com os braços.
Solo:- Em passo de valsa, gira por entre eles.
Termina o bailado, ficando cada estréla em uma atitude.

" A FONTE "

Música: "Em um mercado persa" de Albert Ketelbey.

O bailado é executado, por uma menina, representando a Samari-tana que se dirige a uma fonte para buscar água.

Ao chegar, nota, com grande tristeza, que não existe água na fonte.

Desesperada, implora a Deus, que mande as chuvas afim de que consiga a água tão necessitada.

Dali a pouco, percebe que seus rôgôs foram atendidos, pois já existe água na fonte e a bilha está cheia.

Continua dansando, e agora, agradecendo a Deus por ter sido atendida em seu pedido.

Bailados apresentados na FESTA DE NATAL do P.I. Lins de Vasconcelos (P.I. 12). Coreografias e ensaios, por Nadyr Cossentino de Macedo. Professora de Educação Física do P.I. 12.

F U N C I O N A M E N T O D E P I S C I N A S

Por determinação da Sra. Chefe de Edel e com a devida permissão do autor, Snr. Nicácio Serafim Barcellos, Químico-Ajudante da Secção de Engenharia Sanitária, passamos a transcrever, na íntegra, a publicação - Funcionamento de Piscinas -.

Solicitamos, outrossim, a atenção dos senhores professores de Educação Física e demais funcionários das Unidades não só para a referida publicação, como para o Decreto nº 10.840 de 22 de Dezembro de 1939, que segue adiante.

Do Boletim de Registro Diário será feita, oportunamente, uma adaptação ao nosso serviço.

Geloira de Campos

Geloira de Campos
Chefe substituto de Ed 101

1 - Considerações preliminares.

O decreto estadual nº 10.840 de dezembro de 1939, modificando disposições do decreto nº 10.094, de 4 de abril do mesmo ano, teve em mira solucionar, pela regulamentação do uso das piscinas, um dos mais relevantes problemas de saúde pública do nosso Estado.

Todavia, grandes dificuldades têm embaraçado a sua aplicação, em virtude do geral desconhecimento, por parte dos interessados, dos recursos de que poderão socorrer-se para colocar e manter suas piscinas dentro das exigências legais.

A finalidade da presente publicação é reduzir, na medida do possível, essas dificuldades, oferecendo aos administradores de piscinas, especialmente aos do interior do Estado, alguns esclarecimentos de natureza prática que orientem o seu esforço no sentido de melhorar as condições sanitárias de seus estabelecimentos.

2 - Os tipos de piscinas considerados no Regulamento.

Não havendo ainda, entre nós, estudos sobre os locais naturais de banhos, tais como praias de mar, rios, lagos, lagoas e represas, a regulamentação em vigor refere-se únicamente às piscinas de natação, artificiais ou semi-artificiais, dos tipos comumente usados no Estado de S. Paulo.

Essas piscinas pertencem a três tipos principais, caracterizados pelos sistemas de alimentação: recirculação, alimentação contínua e alimentação intermitente (ou renovação total periódica).

De "recirculação" são aquelas em que a circulação é mantida por bombas e nas quais a água aspirada da piscina é clarificada por tratamento químico e esterilizado, voltando novamente ao tanque.

De "alimentação contínua" são aquelas em que a água de abastecimento, de fonte natural ou artificial, circula através do tanque num fluxo ininterrupto, entrando e saindo em proporções iguais.

De "alimentação intermitente" ou de "renovação total periódica" são aquelas em que a água usada é removida e substituída periodicamente por água limpa.

3 - Os tipos de piscinas preferíveis.

a) O sistema ótimo, e que por isso mesmo tem merecido as preferências gerais em todo o mundo, é o de recirculação. Consta de bombas, filtros, dosadores das substâncias empregadas na coagulação e desinfecção, retentores de fios, controles e todo o equipamento necessário, como canos de ligação, conexões, etc. Os aspiradores do fundo do tanque, quando ligados ao sistema de circulação, são considerados também como parte integrante dele.

Com uma aparelhagem aperfeiçoada, as vantagens deste sistema se revelam na economia de material e de água e na facilidade e simplicidade de manejo, o que torna eminentemente práticas as operações de tratamento e controle.

b) O processo de alimentação continua é também considerado excelente e deve ser o preferido sempre que houver abundância de água boa e barata e, ao mesmo tempo, for possível conseguir, com êle, renovações completas em tempo satisfatório.

c) O processo de renovação total periódica, que é o mais comum entre nós, é considerado antiquado e inconveniente sob muitos aspectos, mas sobretudo sob o ponto de vista sanitário, pelas inúmeras dificuldades que oferece ao tratamento da água.

Neste sistema, quanto mais usada a piscina, mais poluída se torna a água, pela acumulação diária de toda a sorte de sujeiras. Conquanto de construção mais barata que as de recirculação, estas piscinas são de manutenção mais cara e mais difícil, tanto pela necessidade de renovar-se a água constantemente como pelos cuidados que precisa merecer uma água poluída em vista dos perigos que oferece aos banhistas. Demais, o tratamento aqui só é possível pela adição do coagulante diretamente no tanque de natação, o que representa um grave inconveniente, pela permanência, no seio da água, de coágulos que podem anular a ação germicida do cloro.

4 - Tubos influentes e efluentes.

Muito importante numa piscina de recirculação ou de alimentação contínua é a disposição dos tubos de entrada e saída de água, pois que de tal disposição depende essencialmente a boa circulação da água e, "ipso facto", melhor difusão do desinfetante no seio da massa líquida.

Se os tubos forem mal localizados e em número insuficiente, vários pontos da massa d'água podem tornar-se "mortos", a salvo da ação bactericida do cloro, constituindo-se dessa forma em meios de cultura apropriados para o desenvolvimento de germes.

5 - Tanques lavapes.

O Regulamento exige, em todos os pontos de acesso às piscinas, tanques lavapes contendo água clorada com uma taxa mínima de cloro residual de uma parte por milhão (1 ppm), ou uma miligrama por litro. Assim, se a piscina tiver acesso por todos os lados, o tanque lavapes deverá circundá-la totalmente. Esse inconveniente pode ser evitado reduzindo-se os pontos de acesso a um, ou a dois, por meio de uma cerca de altura conveniente.

O recurso ideal, entretanto, é situar o lavapes à saída dos chuveiros de modo a constituir passagem obrigatória a todos os banhistas que se dirijam à piscina. Mas para isso é lógicamente necessário que os chuveiros, vestiários e demais dependências estejam imediatamente ligados à piscina.

O lavapes poderá ser, em vez de um tanque, um recipiente de forma e tamanho apropriados, feito de metal ou preferivelmente de borracha, caso em que apresenta inúmeras vantagens.

A solução clorada do lavapes deve ser substituída diariamente.

6 - Chuveiros, privadas e lavatórios.

O Regulamento não faz menção ao número de chuveiros, privadas e lavatórios que as piscinas devem possuir em relação ao número de banhistas. Admite-se todavia como razoável - feito o cálculo nos momentos de frequência máxima - que possuam um chuveiro para cada grupo de 40 banhistas; uma privada para cada grupo de 40 mulheres; uma privada e um mictório para cada grupo de 60 homens.

Quanto aos lavatórios, devem ser colocados ao lado das privadas na proporção de um para cada grupo de 60 banhistas.

7 - Clarificação da água.

A clarificação da água das piscinas se faz pelo uso de um coagulante que, no geral, é o sulfato de alumínio ou o alumen. Ele reage com um álcali formando flóculos de hidrato de alumínio. Se a água não tiver alcalinidade natural suficiente para a reação, é preciso adicionar-lhe certa quantidade de álcali, que pode ser cal ou carbonato de sódio.

Nas piscinas de recirculação as dosagens de sulfato e de álcali são feitas em aparelhos munidos de dispositivos reguladores. Os reagentes são adicionados à água quando esta, aspirada por uma bomba, entra na canalização do sistema. Recebendo o coagulante, a água passa pelos filtros, sofre a desinfecção e volta à piscina em condições de ser novamente usada.

Nas piscinas tipicamente de alimentação contínua, em que a água, abundante e de boa qualidade, sofre renovações totais em tempo considerado satisfatório, não haverá necessidade de tratamento.

Não se deve permitir a existência de sujeira visível na água. Quaisquer matérias em suspensão ou depositadas no fundo devem ser imediatamente retiradas.

8 - Clarificação da água nas piscinas de alimentação intermitente.

a) Inconvenientes do tratamento direto.

Neste tipo de piscinas o tratamento, pela necessidade de se lançar o coagulante diretamente no tanque de natação, é uma operação difícil, sob o ponto de vista sanitário, condenável.

Os coágulos de hidrato de alumínio, que se precipitam, arrastando para o fundo as impurezas em suspensão, são separados da água pela ação de um aspirador. Sucede entretanto que uma boa porção de hidrato não se sedimenta e, dessa forma, escapando à aspiração, continua inseparável da massa líquida, por mais paciente e cuidadoso que seja o trabalho de succão.

Ora, é natural que só possam existir inconvenientes em que essas pequenas partículas precipitadas continuem flutuando na água, por isso que em qualquer tempo poderão servir de abrigo às bactérias contra a ação esterilizante do cloro.

A cloração, nos casos de água tratada "à mão" pelo sulfato de alumínio, nunca oferecerá uma garantia de perfeita desinfecção, por melhor que tenha sido efetuada, pois é fácil imaginar que a ação do cloro não se faça sentir de maneira eficaz contra os gérmenes escondidos no interior dos coágulos.

Esse, o grande inconveniente do tratamento direto. Evitá-lo com vantagem só seria possível nas piscinas em que a renovação se fizesse muito frequentemente, por exemplo de dois em dois dias, ou melhor, sempre que aparecessem os primeiros traços de turvação. Mas para isso seria preciso que a água de alimentação fosse originariamente de boa qualidade, e abundante, para que a renovação pudesse realizar-se em poucas horas.

A consideração destes fatos põe em relevo a impropriedade das piscinas de alimentação periódica e a necessidade de se encontrar uma solução prática e efetiva para o problema do tratamento e desinfecção de suas águas.

Em nosso parecer, duas medidas poderiam melhorar sensivelmente o aspecto da questão, se adotadas:

1) permitir-se únicamente "a título precário" o tratamento direto nas piscinas já existentes, admitindo-se como necessária e indispensável a sua transformação em tipos de recirculação;

2) proibir-se a construção de piscinas de tipos considerados inconvenientes (como as de alimentação periódica).

b) Proporções das substâncias empregadas no tratamento.

O sistema de tratamento direto tem sido adotado nesta Capital com relativa frequência, empregando-se como coagulante o sulfato de alumínio em forma de sal branco, e como reagentes alcalinos, entre outros, o carbonato de sódio e a cal, esta sob a forma de água ou leite de cal.

O tratamento de uma água depende certamente do conhecimento de sua natureza, afim de que se possam determinar com segurança as proporções das substâncias a empregar na coagulação. Variando a composição das águas umas em relação às outras, é natural que devam variar também, para cada água a tratar, as proporções de sulfato e de álcali necessários a uma boa flocação.

Só um ensaio de laboratório, feito por técnico especializado, poderá indicar com exatidão as proporções das substâncias que devem entrar na reação.

Os interessados que tiverem de proceder ao tratamento da água de suas piscinas devem, portanto, enviar a um químico especializado uma amostra da água a tratar (um garrafão, no mínimo), com o pedido para serem determinadas as proporções de coagulante e de álcali (este, se a água não dispuser de alcalinidade natural suficiente) a empregar no tratamento.

c) Como se opera o tratamento.

Vejamos agora como se costuma fazer o tratamento direto.

Calculadas no laboratório as proporções de sulfato e de álcali necessários ao tratamento, dissolve-se o sulfato em água e lança-se a solução em diferentes pontos da piscina. Em seguida dissolve-se o álcali e procede-se de maneira idêntica lançando-o em vários pontos. Da reação entre os dois corpos resultará o hidrato de alumínio, insolúvel, que ao fim de algumas horas se depositará no fundo da piscina com as impurezas contidas na água. Verificando-se estar finda a sedimentação, procede-se à limpeza do fundo por meio de um aspirador de sucção. Terminado o trabalho de aspiração, a água deverá estar em condições de limpidez suficientes para que possa receber a cloração.

9 - Aspiradores.

Todas as piscinas, qualquer que seja a sua classificação ou tipo, devem possuir aspiradores de sucção para o trabalho de limpeza. Esses aparelhos prestam relevantes serviços nas piscinas de recirculação e de alimentação contínua, sendo utilizados nas de renovação periódica, submetidas a tratamento direto, para retirar do fundo os coágulos de hidrato de alumínio.

10 - Desinfecção.

a) Emprego do cloro.

Um dos processos mais satisfatórios de desinfecção de piscinas é o que consiste no emprego do cloro. Com ele se pode desinfetar completamente toda a água e, ainda, manter a todo o tempo uma taxa residual de desinfetante para esterilizar imediatamente qualquer poluição perigosa disseminada por banhistas. Com aparelho apropriado é sempre possível graduar a dosagem de cloro segundo as variações da frequência na piscina.

Para as piscinas de recirculação e de alimentação contínua, deveríamos preferir a desinfecção pelo cloro elementar, visto que o processo é muito simples, relativamente econômico e de uma eficácia que não admite qualquer dúvida. No entanto, levando-se em conta o alto preço de um aparelho clorador, é possível solucionar o problema pelo emprego de hipocloritos, para cuja aplicação se podem fabricar em São Paulo aparelhos apropriados e de preços mais acessíveis.

b) Emprego de hipocloritos.

Nos casos de piscinas de recirculação e de alimentação contínua, a aplicação contínua de uma solução de hipoclorito de cálcio ou de sódio é, também, um dos processos mais efetivos de desinfecção. Aconselha-se, todavia, o fazer ensaios frequentes da força da solução e reajustamentos do "quantum" a ser aplicado, bem como ensaios repetidos de cloro residual na água da piscina.

Nos casos de piscinas de renovação total periódica, a esterilização é feita pela aplicação intermitente de hipocloritos. Aconselha-se a votar toda a atenção aos ensaios de cloro residual, que devem ser feitos frequentemente.

O hipoclorito é aplicado diretamente, em todos os pontos da superfície da água, tendo-se o cuidado de usar uma solução convenientemente decantada.

Outro processo consiste em prender na extremidade de uma vara um saquinho cheio da substância, mergulhá-lo na água até perto do fundo e arrastá-lo em torno do tanque de manéira que o sal se dissolva

completamente e se difunda em tda a massa líquida, ficando no sáco apenas o resíduo insolúvel.

Sempre que for possível, devem-se dotar estas piscinas de bombas para a recirculação da água, afim de que esta possa ser submetida a uma cloração continua.

Um problema importante á saber calcular a quantidade de hipoclorito necessária para desinfetar uma piscina deixando na água um excesso de cloro livre de 0,2 a 0,5 ppm, como exige o Regulamento.

A quantidade de esterilizante a empregar depende naturalmente de vários fatores, entre os quais a porcentagem do cloro ativo e o volume e as condições sanitárias da água a tratar. Nas piscinas de recirculação e de alimentação continua a cloração é indireta e a quantidade de hipoclorito a empregar é regulada no próprio aparelho clorador. Nas piscinas de alimentação periódica a cloração deve ser feita diretamente e, nesse caso, será necessário calcular de antemão a quantidade de hipoclorito afim de que a taxa de cloro se ponha dentro dos limites exigidos.

A maneira mais segura de se calcular a quantidade de hipoclorito a empregar numa cloração direta, consiste em efetuar uma série de ensaios com a própria água e uma solução (de concentração determinada) do hipoclorito a usar, cuja porcentagem do cloro ativo deve ser previamente conhecida. Essa solução será de 1 por 1.000 se o hipoclorito tiver de 30 a 36% de cloro ativo, e será de 1 por 2.000 se o hipoclorito tiver de 60 a 70% de cloro ativo.

Tomam-se quatro recipientes de capacidade conveniente, numerados do 1 a 4, e deita-se em cada um deles 1 litro da água a clorar. A seguir, a cada um deles juntam-se quantidades crescentes da solução de hipoclorito, a saber: 1cc. no primeiro, 2cc. no segundo, 3 cc. no terceiro e 4 cc. no quarto. Agita-se o conteúdo de cada recipiente, deixa-se em repouso durante 1 hora e procede-se aos ensaios com a ortotolidina. A solução que der aproximadamente 0,5 ppm de cloro residual será aproveitada como base de cálculo para a quantidade de hipoclorito a empregar na cloração.

c) Emprêgo das cloramidas.

Um processo de desinfecção que vem merecendo últimamente grande aceitação, sobretudo nos Estados Unidos, é o tratamento pelo cloro e a amônia. Esses dois corpos reagem na água formando os compostos chamados cloramidas que, não obstante serem ativos desinfetantes, são inodores, não irritam as mucosas e têm grande capacidade de manter o cloro residual na água.

Esta quantidade é importante, pois há muitas piscinas em que, por ser a circulação muito demorada ou por ser defeituosa a disposição das entradas e saídas, é difícil, senão impossível, manter o cloro livre em todos os pontos da água, principalmente nos períodos de grande frequência.

A desvantagem mais notória do processo é a demora da esterilização. São os seguintes os fatores que afetam a rapidez de esterilização das cloramidas:

1) A temperatura da água: quanto mais quente a água, mais rápida a absorção,

2) O pH: quanto mais baixo o pH, mais rápida a absorção,

3) A relação cloro-amônia: quanto mais baixa a taxa de amônia, mais rápida a absorção.

As quantidades de amônia e cloro a serem adicionadas dependem principalmente da frequência, da temperatura e do volume da água a tratar. A dose de amônia depende, também, das características da água, variando provavelmente entre 1/5 e 1/2 da dose de cloro em peso.

Usa-se o ensaio da ortotolidina para determinar a taxa de desinfetante, tal como se pratica na cloração simples, mas é necessário modificar o ensaio em parte, como se explica no capítulo "Operações de controle."

II - Combate ás algas.

As algas se desenvolvem facilmente nas piscinas, especialmente se expostas á luz solar. Formando um resíduo verde nas paredes e fundo do tanque, elas tornam a superfície escorregadia e perigosa

para os banhistas, além de desagradávelmente suja. Para combatê-las recomenda-se o uso do sulfato de cobre. As proporções e o tempo de aplicação variam principalmente com as espécies de algas a combater. Para as espécies mais comuns em nossas piscinas bastam, em geral, doses de 1 ppm.

12 - Operações de controle.

a) Ensaio de cloro residual.

A ortotolidina, em solução clorídrica, é o reativo empregado para verificar a presença e determinar a quantidade de cloro na água. Em presença do cloro residual ela dá uma coloração amarelo-verdejângua cuja intensidade é proporcional à taxa de cloro livre presente. Desta forma, preparando-se padrões de cor representando as cores produzidas por várias quantidades de cloro, pode-se determinar a taxa do cloro residual por comparação da amostra com tais padrões.

No Estado de S. Paulo as piscinas devem manter na água, sempre que estejam em uso, um excesso de cloro livre não inferior a 0,2 nem superior a 0,5 ppm.

No comércio encontram-se aparelhos fabricados especialmente para esse gênero de análises, usando como padrões discos de vidro coloridos. Atualmente, entretanto, como consequência da situação internacional, estão raros e de custo quasi proibitivo. Por isso aconselha-se o uso de soluções coloridas como padrões, com a indicação precisa de quantos centímetros cúbicos se devem usar da amostra e do indicador.

O controle do cloro residual pela ortotolidina é às vezes perturbado pela presença de certos compostos, entre os quais nitritos, que dão com ela uma falsa reação. Se a leitura do resultado for feita entre 5 e 10 minutos depois de adicionada a ortotolidina e a amostra for conservada ao abrigo da luz durante esse período, a interferência de nitritos será muito diminuída.

Nas análises mais acuradas, havendo interferência de nitritos, deve-se proceder do seguinte modo:

1 - Tomar duas amostras de água da piscina e deitar a uma delas 2 gotas de uma solução N/10 de tiosulfato de sódio.

2 - Juntar a ortotolidina a ambas as amostras, misturar bem e deixar em repouso durante 5 minutos.

3 - A amostra à qual se juntou tiosulfato indicará a coloração falsa. A outra amostra dará a coloração total. A diferença indicará o cloro residual presente na água.

b) Ensaio de cloro na desinfecção pelas cloramidas.

As cloramidas não combinam imediatamente com a ortotolidina para produzir a cor característica da reação. Dessa forma, as amostras de água tratada pelo processo cloro-amônia precisam ficar em repouso pelo menos 15 minutos depois da adição do indicador. Esse sistema de desinfecção provoca a formação de nitritos na água em virtude da oxidação da parte da amônia. Por isso é admissível a falsa reação devida aos nitritos e, em consequência, será conveniente modificar o ensaio da ortotolidina com a inclusão do processo para interferência de nitritos.

O cloro residual nunca deve ser inferior a 0,7 ppm, segundo os especialistas norte-americanos.

c) Ensaio do pH.

Se a água de uma piscina for muito ácida, a taxa desejada de cloro residual pode causar irritação nas mucosas dos banhistas e a canalização do sistema estará sujeita a sofrer corrosão.

Por outro lado, sendo a água muito alcalina por efeito de uma aplicação descontrolada de álcali, a ação bactericida do cloro sofre um sensível retardamento.

A condição mais favorável, portanto, é a da água neutra. Por isso o Regulamento estabelece que o grau de acidez ou alcalinidade será regulado pela determinação da concentração do íon hidrogênio, expresso em unidades de pH, e que este deverá ficar compreendido entre 6,8 e 7,2.

Convém sabor, além disso, que a deficiência ou excesso de alcalinidade na água, na fase de coagulação - quando não devidamente controlada - pode perturbar a floculação e consequentemente a qualidade da água tratada.

O pH é determinado por um ensaio semelhante ao do cloro.

13 - Material de controle.

Tôdas as piscinas públicas ou privativas devem dispor do material necessário às determinações de controle.

Um conjunto satisfatório obtém-se com as seguintes peças:

- 1 comparador completo (com cubas, provetas, etc.)
- 1 disco para cloro residual (1)
- 1 disco para pH
- 1 vidro de ortotolidina em solução, para cloro residual
- 1 vidro de azul de bromotimol em solução, para pH
- 1 proveta graduada de 10 cc.
- 1 termômetro
- 2 conta-gotas graduados
- 6 tubos de ensaio de tamanho médio

Admitem-se provas de controle de cloro residual pelo sistema de comparação com soluções padrões, como já foi referido.

As soluções de ortotolidina e de azul de bromotimol serão preparadas de acordo com as normas dos "Standard Methods of Water Analysis", da Associação Americana de Saúde Pública, adotadas pela Repartição de Águas e Esgoto de S.Paulo.

Soluções adquiridas no comércio devem ser aferidas antes de utilizadas.

14 - Registro das operações de controle e tratamento.

Tôdas as piscinas deverão possuir um livro apropriado para o registro diário das operações de controle e tratamento. Esse livro será confeccionado segundo o modelo "Boletim de Registro Diário", aprovado pela Secção de Engenharia Sanitária do Departamento de Saúde e apresentado em apêndice.

Devem-se registrar diariamente: 1) o número de banhistas; 2) o período de funcionamento, isto é, o período de tempo durante o qual a piscina foi usada pelos banhistas; 3) o período de limpeza, isto é, o período de tempo empregado na limpeza do tanque; 4) o tempo de recirculação, isto é, o tempo durante o qual funcionou o sistema de recirculação; 5) o volume recirculado, isto é, o volume de água adicionada na piscina durante o dia por meio de recirculação; 6) a água limpa adicionada para compensar as perdas, proveniente do abastecimento externo; 7) a água limpa adicionada para o mesmo fim, proveniente do sistema de recirculação; 8) a temperatura da água; 9) o pH, anotando-se os resultados máximo e mínimo, obtidos entre várias determinações; 10) o cloro livre ou residual, anotando-se os resultados máximo e mínimo, obtidos entre várias determinações; 11) o cloro livre ou residual do lavapés; 12) a limpidez da água.

O registro do "período de funcionamento" será feito da seguinte forma: se a piscina funcionar, por exemplo, das 6 às 18 horas, escreve-se na coluna correspondente - 6/18.

Para o "período de limpeza", o mesmo processo. E na coluna "limpidez", anotar apenas B (boa) ou M (má).

(1) Nas determinações da água por meio do comparador Hellige deve-se empregar o disco ZNCO 13, com padrões de 0,1 a 2,0 mg. de cloro em um litro de água, e cubas de 13 mms. Este disco é especialmente destinado à análise das águas de banho.

15 - Limite do número de banhistas.

O Regulamento não estabelece limites quanto ao número de banhistas que pode frequentar ao mesmo tempo uma piscina. Mas é conveniente assinalar que um número excessivo deles prejudicará necessariamente a qualidade sanitária da água.

São aconselháveis as seguintes regras:

a) Nas piscinas que recebem constantemente água limpa, o número de banhistas admissível em um dado período de tempo não deve exceder de 5 pessoas para cada metro cúbico de água limpa adicionada ao mesmo período de tempo. A expressão "água limpa", como é aqui empregada, refere-se à água originariamente limpa adicionada para encher a piscina; à água que, aspirada da piscina por bomba, volta à mesma após filtração e desinfecção; e à água adicionada para compensar as perdas decorrentes de limpeza e do próprio exercício da natação.

b) Nas piscinas em que a água é substituída e esterilizada periodicamente, o número de banhistas não deverá exceder de 2 para cada metro cúbico entre duas desinfecções consecutivas. E sempre que o número de banhistas atingir a 6 por metro cúbico, a água deve ser totalmente renovada.

16 - Moléstias adquiríveis nas piscinas.

Acredita-se que muitas doenças podem ser adquiridas no uso das piscinas de natação, tendo como veículos não apenas a água mas também os "maillots", as toalhas e o próprio piso das dependências utilizadas por banhistas.

Invendo o Regulamento dispensado o controle bacteriológico da água das piscinas, pela impossibilidade material de efetivá-lo no presente momento, há o máximo interesse em mantê-las no melhor estado sanitário possível, principalmente em relação à limpidez, que deve ser perfeita, e à cloração, que deve ser conscientiosa.

E extenso o quadro das doenças atribuídas ao uso das piscinas. Entre elas citaremos: as infecções dos olhos (conjuntivite, oftalmia, tracoma); do ouvido (mastoidite, meningite, otite média); do nariz (resfriados, coriza, rinite, sinusite); da garganta (bronquite, faringite, laringite, tonsilite); da pele (furunculose, impetigo, exzema, frieira, impigem), além de moléstias venéreas, gastro-intestinais e de outras naturezas.

Destacaremos como mais frequente entre essas doenças a chamada frieira de piscina ou "pés de atleta". Causada por um fungo, ela ataca os pés, de preferência entre os dedos. Sua profilaxia consiste em trazer sempre limpas e desinfetadas as dependências da piscina e fiscalizar rigorosamente os banhistas, de modo que a nenhum deles seja permitido entrar na piscina sem que antes tenha passado pelo lavapés contendo água clorada.

17 - Equipamento de emergência.

Todas as piscinas deverão possuir, em lugar facilmente acessível, para salvamento de banhistas, um gancho e uma boia munida de corda.

É aconselhável também ter à mão, para usos de emergência, tintura de iodo, amoniaco aromático, gaze esterilizada, algodão hidrófilo, esparadrapo, etc.

18 - Fiscalização dos banhistas.

É obrigatória a presença junto às piscinas, sempre que as mesmas estejam em funcionamento, de uma pessoa apta a socorrer banhistas em caso de acidente e a efetuar manobras de reanimação.

Durante as horas de funcionamento, um empregado deverá estar-se em lugar adequado afim de impedir que banhistas façam uso da piscina sem a prévia apresentação das fichas de saúde.

9 - Manobras de reanimação.

Na eventualidade de casos de afogamento em piscinas, qualquer pessoa poderá intervir em socorro das vítimas. É preciso, no entanto, saber como agir em tais circunstâncias.

a) Cuidados preliminares.

Apenas retirado da água, será o afogado despido das roupas, enxuto e, se possível, envolvido em cobertas quentes. A boca e as vias respiratórias devem ser imediatamente limpas, mantendo-se os maxilares afastados um ou outro por meio de uma rolha de cortiça.

O afogado será levantado pelo ventre uma, duas, três vezes, para expelir a água do estômago.

Ato contínuo dar-se-á início à respiração artificial pelo método de Schaeffer, a qual será mantida ininterrupta até a normalização dos movimentos respiratórios ou até que surjam sinais evidentes de morte, como a rigidez e os lições cadavéricos.

b) Respiração artificial (Schaeffer).

Colocar o afogado de bruços, em superfície plana, com um braço estendido na direção do corpo e outro braço dobrado, tendo a mão correspondente sob a face do paciente (colocada na direção dos dedos), para proteger a boca e as fossas nasais contra a poeira.

Ao iniciar as manobras o operador deve sentar-se nos calcanhares, sobre as coxas do afogado, com o corpo ereto e os joelhos apoiados no chão. A seguir, deve colocar as mãos espalmadas sobre as costelas flutuantes da vítima, mais ou menos a duas polegadas da coluna vertebral e, com os braços estendidos, iniciar um movimento contínuo e simultâneo para baixo e para a frente, de modo a fazer pressão com o peso do corpo sobre as costelas. O movimento dura cerca de três segundos (contar: 1, 2, 3) e deve terminar de súbito por um pequeno golpe, aplicado com a ponta dos dedos sobre as terminações moveis das costelas flutuantes. Retiradas as mãos, o operador descançará durante dois segundos (contar: 1, 2) e recomeçará a manobra com a pressão de três segundos e o descanso de dois, sempre no mesmo ritmo, de tal forma que possa ser repetida umas 15 vezes por minuto.

O movimento tem que ser lento, invariável e ininterrupto, procurando-se imitar tanto quanto possível a respiração natural.

c) Recomendações.

1. Nas manobras de respiração artificial os braços do operador devem manter-se sempre estendidos, afim de se evitar a fadiga dos seus músculos. O operador deve, também, aproveitar os dois segundos de pausa, ao fim de cada movimento, para descançar sobre os calcanhares, relaxando completamente os músculos do corpo. Esse descanso é necessário, visto que em muitos casos o trabalho de aplicação do processo se prolonga por duas ou mais horas.

2. Deve-se evitar qualquer pressão sobre a região renal, pois há perigo de comprimir e contundir as vísceras pela continua manipulação.

3. Os movimentos de pressão devem terminar bruscamente nas extremidades moveis das costelas. Assim os pulmões se expandirão de súbito, com a entrada de um forte jato de ar.

4. As ânsias de vômito que o afogado sofre com frequência, logo que começa a recobrar os sentidos, explicam-se pela necessidade de expulsar a água contida no estômago. Não devem, portanto, causar preocupações.

5. Várias pessoas poderão, ao mesmo tempo, cooperar nos trabalhos de salvamento, em que sempre há muito que fazer: chamar médico, aplicar calor nos pés e nas axilas, friccionar braços e pernas (na direção do coração), colocar estimulantes no nariz, etc.

20 - Regras higiênicas.

a) Todos os banhistas deverão tomar um banho de chuveiro com uso de sabão antes do ingresso nas piscinas.

b) Igualmente, antes do ingresso nas piscinas, todos deverão banhar os pés em água contendo uma taxa de cloro livre de polo menos 1 mg. por litro (lavapés).

c) Não poderão frequentar as piscinas as pessoas que apresentem afecções dos olhos, ouvido, nariz e garganta; moléstias, ferimentos ou qualquer solução de continuidade da pele, ou que sofram molês-

tias contagiosas ou repugnantes.

d) Os banhistas devem habituar-se a fazer uso da privada e especialmente urinar antes de tomarem o banho de chuveiro que precede sua entrada na piscina.

e) É terminantemente proibido cuspir, escarrar e assoar o nariz dentro da piscina.

f) Todos os "maillots" e toalhas de banho deverão ser lavados com sabão e água fervente, e enxugados perfeitamente, toda a vez que forem usados.

g) Devem ser afixados em lugares visíveis, nas piscinas, os preceitos higiênicos a serem observados pelos banhistas.

21 - Fiscalização das piscinas.

a) A fiscalização das piscinas, na parte referente ao funcionamento e às condições relativas ao banhistas, está a cargo da Diretoria de Esportes, cabendo às Comissões de Esportes do interior do Estado colaborar com as autoridades esportivas e sanitárias na aplicação do Regulamento nos respectivos municípios.

b) Compete à Secção de Engenharia Sanitária do Departamento de Saúde a fiscalização na parte referente às condições sanitárias, cabendo à Divisão do Serviço do Interior, por intermédio dos Centros de Saúde e Postos de Assistência, aos quais está afeto o policiamento sanitário nos municípios, fiscalizar a aplicação do Regulamento, especialmente quanto às condições sanitárias das piscinas e suas dependências.

22 - Registro de piscinas na Diretoria de Esportes.

Todas as piscinas do Estado, inclusive as residenciais, são obrigadas por lei a registrar-se na Diretoria de Esportes, afim de que possam funcionar regularmente.

Para se obter o registro de uma piscina, é preciso:

a) dirigir um requerimento ao diretor da Diretoria de Esportes do Estado (rua dos Guaiianazes 1.112 - S.Paulo), selado com estampilha estadual de 3\$000, mais 200 de Educação e Saúde e firma reconhecida;

b) juntar duas vias, devidamente preenchidas, de um formulário fornecido pela Diretoria de Esportes, sendo a primeira via selada com estampilha de 1.200 e mais 200 de Educação e Saúde;

c) enviar em separado 7.200 de estampilhas estaduais e mais 200 de Educação e Saúde, para o certificado de registro."

PISCINA DO

(Nome do Clube)

Rua n° Tel. (Cidade)

BOLETIM DE REGISTRO DIÁRIO

Mês de 19.....

Data	Água limpa adicig nada m 3	pH	Cloro resi- dual ppm	OBSERVAÇÕES
1				
2				
3				
4				
5				
6				
7				
8				
9				
10				
11				
12				
13				
14				
15				
16				
17				
18				
19				
20				
21				
22				
23				
24				
25				
26				
27				
28				
29				
30				

"DIRETORIA DE ESPORTES DO ESTADO DE SÃO PAULO"

DECRETO nº 10.840, de 22 de DEZEMBRO
de 1939

Artigo 1º Introduz modificações no Regulamento que baixou com o decreto n. 10.094, de 4 de abril de 1939.

O Doutor Adhemar Fereira de Barros, Interventor Federal no Estado de S.Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

DECRETA:

Artigo 1º - Nenhuma piscina poderá ser construída no Estado de São Paulo, sem aprovação da Secção de Engenharia Sanitária do Departamento de Saúde do Estado.

Artigo 2º - As piscinas ficarão sujeitas à fiscalização permanente:

- a) pela Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo, no que concerne ao funcionamento e às condições relativas aos banhistas;
- b) pela Secção de Engenharia Sanitária, no que respeita às condições sanitárias.

Artigo 3º - Para efeito de aplicação do presente regulamento, as piscinas são classificadas nas três categorias seguintes:

- a) piscinas públicas, as que são utilizadas pelo público em geral;
- b) piscinas privativas, as que são utilizadas sómente por membros de uma instituição privada;
- c) piscinas residenciais, as que são utilizadas sómente por seus proprietários.

Artigo 4º - As piscinas residenciais ficam dispensadas das exigências deste decreto, devendo, entretanto, ser registradas para fins estatísticos, intervenção das autoridades competentes em caso de reclamações ou acidentes, e para receberem instruções impressas contendo conselhos higiênicos.

I - DA CONSTRUÇÃO

Artigo 5º - As piscinas deverão satisfazer as seguintes condições:

- a) o seu revestimento interno deverá ser material impermeável e de superfície lisa, não sendo permitida a pintura nas partes imersas;
- b) o fundo terá uma declividade conveniente, não sendo permitidas mudanças bruscas até a profundidade de dois metros;
- c) em todos os pontos de acesso, à piscina haverá um tanque lavapés, contendo em solução uma taxa mínima de cloro residual de uma parte por milhão;
- d) os tubos influentes e efluentes deverão ser em número suficiente e localizados de modo a produzir uma uniforme circulação da água na piscina; os tubos influentes deverão estar situados, no mínimo, a 30 centímetros abaixo da superfície normal da água.
- e) haverá um ladrão em torno da piscina, com os orifícios necessários para escoamento.

Artigo 6º - Os aparelhos de recreação, bem como trampolins e plataformas, só poderão ser instalados mediante prévia aprovação.

Artigo 7º - As piscinas disporão de vestiário, instalações sanitárias e chuveiros em número bastante e separados para cada sexo.

Parágrafo único - Todas as peças referidas neste artigo obedecerão, com respeito a detalhes construtivos aos preceitos estabelecidos no Código Sanitário.

Artigo 8º - A parte destinada a espectadores deverá ser absolutamente separada da piscina e demais dependências.

Artigo 9º - As condições para construção, referidas nos artigos anteriores não excluem outras porventura exigidas pelas leis municipais.

II - DA QUALIDADE DA ÁGUA

Artigo 10º - A água das piscinas deverá ser tratado pelo cloro ou seus compostos, os quais deverão manter na água, sempre que a piscina estiver em uso, um excesso de cloro livre não inferior a 0,5 partes por milhão.

Parágrafo único - As piscinas que recebem continuamente água considerada de boa qualidade e cuja renovação total se realize em prazo inferior a 12 horas, poderão ser dispensadas das exigências deste artigo.

Artigo 11º - A limpidez da água deve ser tal que a uma profundidade de três metros possa ser visto com nitidez o revestimento do fundo das piscinas.

Artigo 12º - O grau de acidez ou alcalinidade da água será controlado pelo processo de pH e deverá ficar compreendido entre 6,8 a 7,2.

Parágrafo único - Em casos especiais estes limites poderão ser modificados, a critério da Secção de Engenharia Sanitária.

Artigo 13º - O controle bacteriológico será feito sempre que fôr julgado necessário.

Artigo 14º - As piscinas ficarão sob a direção de um operador idôneo, registrado e identificado na Diretoria de Esportes do Estado, o qual será responsável pela fiel observância deste Regulamento e obrigado a registrar diariamente, em livro aprovado pela Secção de Engenharia Sanitária, as principais operações de tratamento e controle, para o que todas as piscinas deverão possuir o aparelhamento necessário.

III - DO FUNCIONAMENTO

Artigo 15º - Nenhuma piscina poderá funcionar no Estado de São Paulo sem registro na Diretoria de Esportes do Estado.

Artigo 16º - Todas as piscinas deverão possuir em lugar facilmente acessível, como material de salvamento um gancho e uma boia munida de corda.

Artigo 17º - Será obrigatória nas piscinas, nas horas em que as mesmas forem utilizadas, a presença da pessoa responsável, registada na Diretoria de Esportes do Estado, para efetuar salvamento e manobras de reanimação.

Artigo 18º - A todas as pessoas que queiram servir-se das piscinas é obrigatória a apresentação de uma ficha de saúde especial, denominada "ficha de piscina", fornecida por médico reconhecido pela Diretoria de Esportes do Estado.

1º - Quando se tratar de piscinas públicas, a ficha deverá ser fornecida por médico da Diretoria de Esportes do Estado ou da própria piscina, ou, na falta deste, por médico de qualquer piscina, e será válida por trinta dias.

2º - Quando se tratar de piscinas privativas, a ficha deverá ser fornecida pelo médico da piscina e será válida por noventa dias.

Artigo 19º - Não poderão frequentar as piscinas as pessoas que apresentem afecções dos olhos, ouvidos, nariz e garganta; moléstias, ferimentos ou qualquer solução de continuidade da pele, ou que sofram de qualquer doença contagiosa ou repugnante.

Artigo 20º - As administrações de piscinas deverão exigir dos banhistas antes do ingresso nas mesmas, um banho de chuveiro com uso de sabão.

Artigo 21º - Devem ser afixados em lugares visíveis, nas piscinas, os preceitos higiênicos a serem observados pelos banhistas.

IV - DAS PENALIDADES

Artigo 22º - Por falta de cumprimento às determinações dos artigos 1º e 15º, as piscinas ficarão sujeitas à pena de interdição.

Artigo 23º - Os responsáveis por falta de cumprimento às determinações do art. 19º poderão ter os seus regtos cassados na Diretoria de Esportes do Estado.

Artigo 24º - Por falta de cumprimento às demais determinações deste Regulamento as pessoas responsáveis por piscinas serão advertidas e, na reincidência, multadas em 1000000, podendo as piscinas ser interditadas a partir da terceira infração.

V - DISPOSIÇÕES GERAIS

Artigo 25º - As piscinas existentes até a data da publicação deste Regulamento ficam isentas das exigências do art. 5º, exceto quanto às letras a, c e d.

Parágrafo único - Estas piscinas ficam obrigadas a satisfazer as condições especificadas nas letras a e c do artigo 5º dentro do prazo de seis meses, a contar da data da publicação do presente regulamento; e as especificadas na letra d, dentro do prazo de um ano, a contar da mesma data.

Artigo 26º - Os casos não previstos no presente Regulamento serão resolvidos pela Diretoria de Esportes do Estado, ouvida, se necessário, a Secção de Engenharia Sanitária.

Artigo 27º - O presente Regulamento entrará em vigor na data de sua publicação.

Artigo 28º - Revogam-se as disposições em contrário.

Publicado no Diário Oficial, aos 3 de janeiro de 1940".

PLANTÃO MÉDICO PARA AS UNIDADES EDUCATIVO-
ASSISTENCIAIS DA DIVISÃO DE EDUCAÇÃO, ASSISTÊNCIA E RECREIO

MÊS DE FEVEREIRO

<u>DIA DO MÊS</u>	<u>MÉDICO</u>	<u>TELEFONE</u>
1	Alberto M. Baltazar	7-2873
2	Alexandre M. Silveira	52-3436
3	Cosário Tavaros	9-3768
4	Edgar Moss	8-6791
5	Ernesto M. Kujawski	8-8735
6	Eugênio Monteiro Junior	7-7957
7	Fernando R. Cruz	5-0796
8	Joaquim C. Marques	7-0303
9	Moacir Pádua Vilela	7-8719
10	Oscar Toixcira	8-4739
11	Oswaldo Holmeistor	4-1568
12	Paulo G. Bressan	3-4198 7-7319
13	Vitor Khouri	7-2161
14	Abdala Razuk	7-7098 6-7151
15	Adolfo Goldonstain	51-9945
16	Alberto M. Baltazar	
17	Alexandre M. Silveira	
18	Cosário Tavarcs	
19	Edgar Moss	
20	Ernesto M. Kujawski	
21	Eugênio Monteiro Junior	
22	Fernando R. Cruz	
23	Joaquim C. Marques	
24	Moacir Pádua Vilela	
25	Oscar Toixcira	
26	Oswaldo Holmeistor	
27	Paulo G. Bressan	
28	Vitor Khouri	

RELAÇÃO DO MATERIAL EXISTENTE NO ALMOXARIFADO DE ED 1 EM JANEIRO 1949.

<u>MATERIAL</u>	<u>UNIDADE</u>	<u>QUANTI. EXIST.</u>	<u>MATERIAL</u>	<u>UNIDADE</u>	<u>QUANTI. EXIST.</u>
AGENDA	Agenda	6	CARTOLINA AZUL	Folha	521
ALFINETES DE GANCHO	Caixa	136	CARTOLINA ROSA	Folha	720
ALMOFADA PARA CARIMBO	Almof.	46	CARTOLINA CANARIO	Folha	710
APAGADORES	Apag.	44	CLIPS	Caixa	2
APONTADOR (GILETE)	Apont.		COLCHETE N° 9	Caixa	7
BERÇO P/ MATA-BORRÃO	Berço	27	COLCHETE N° 12	Caixa	12
BLOCO AUTORIZAÇÃO SAIDA DO PARQUE	Bloco	39	ELÁSTICO P/PAPEIS	Caixa	3
BLOCO-BENS PATRIMONIAIS	Bloco	13	ENVELOPES ESPECIAIS P/IMPRESSOS (BEIGES)	Env.	2.800
BLOCO-CÁLCULO PEQUENOS (JORNAL)	Bloco	15	ENVELOPES (BEIGES)	Env.	2.519
BLOCO-CÁLCULO PEQUENOS (SULFITE)	Bloco	253	ENVELOPES P/CARTÕES		
BLOCO-CÁLCULO GRANDES (SULFITE)	Bloco	75	CONTROLE LEITURA	Env.	1.250
BLOCO-DESIGNAÇÃO DE EXTRANUMERÁRIOS	Bloco	108	ENVELOPES P/CARTA	Env.	7.500
BLOCO-DESIGNAÇÃO DE FUNCIONÁRIOS	Bloco	99	ENVELOPES OFÍCIO	Env.	300
BLOCO-EQUIPAMENTO DE SERVIÇO	Bloco	48	ESPONJEIRA BORRACHA C/ESPONJA	Esp.	42
BLOCO-MEMORANDO PAUTADO	Bloco	202	ETIQUETAS P/LIVRO	Cad.	57
BLOCO-MEMORANDO S/ PAUTA	Bloco	95	FITA GOM.DA	Rolo	250
BLOCO-COMUNICAÇÃO INÍCIO DE FÉRIAS	Bloco	12	FICHAS AMARILHAS	Ficha	4.763
BLOCO-COMUNICAÇÃO INÍCIO LICENÇA	Bloco	11	FICHAS ANTROPO-MÉTRICAS	Ficha	1.420
BLOCO-DEVOLUÇÃO DE LIVROS	Bloco	10	FICHAS ASSUNTO	Ficha	880
BLOCO-PEDIDOS DE FÉRIAS	Bloco	11	FICHA CONTRÔLE MATERIAL PARQUE	Ficha	50
BLOCO-RASCUNHO (SULFITE COMP.)	Bloco	30	FICHA EM BRANCO		
BLOCO-REQUISIÇÃO (ALMOXARIFADO)	Bloco	46	125 x 75	Ficha	3.500
BLOCO-REQUISIÇÃO MATERIAL	Bloco	35	FICHA EM BRANCO		
BLOCO-REUNIÃO DE MÁIS	Bloco	5	200 x 125	Ficha	11.700
BLOCO-TRANSFERÊNCIA EXTRANUMERÁRIA	Bloco	35	150 x 100	Ficha	5.550
BLOCO-TRANSFERÊNCIA FUNCIONÁRIOS	Bloco	4	207 x 155	Ficha	100
BORRACHA P/MÁQUINA	Borra.	20	FICHA REGISTRO		
BORRACHA DE TINTA	Borra.	35	MATERIAL COSTURA	Ficha	400
CADERNETAS P/ C.R.	Cad.	456	FICHA CONTRÔLE		
CADERNOS CAPA DURA (100 FLS)	Cad.	173	ESTOQUE (ALMOXARIFADO DIVISÃO)	Ficha	1.000
CADERNOS CAPA DURA (200 FLS)	Cad.	171	FICHA P/PROCESSO	Ficha	950
CADERNETAS	Can.	43	FICHA PEDIDO ISENÇÃO IMPOSTOS	Ficha	837
CARTÃO CINZA DE 203 x 127 mm.	Car.	339	FITA MÁQUINA	Fita	70
CADERNE-TA DE SÓCIO	Car.	920	GIZ BRANCO	Caixa	20
CARTOLINA CINZA	Folha	800	GIZ DE CORES	Caixa	1
CARTOLINA VERDE	Folha	720	GRAMPEADOR BATES	Gramp.	7
			LAPIS PRETO	Lapis	648
			LAPIS CÓPIA-AZUL		
			ROXO, VERM, VERDE	Lapis	163
			LAPIS DE CÔR	Caixa	460
			LAPIS VERMELHO		
			(BICOLOR)	Lapis	90
			LIVRO ATA	Liv.	31
			LIVRO CARGA	Liv.	49
			LIVRO CHAMADA	Liv.	4
			LIVRO P/INSCRIÇÃO (REGISTRO)	Liv.	26
			LIVRO DE PONTO	Liv.	7
			MATA-BORRÃO BRAN/PAPEL ALMAÇO S/PAUTA	Tiras	9.563
			PAPEL ALMAÇO PAUTADO	Folha	1.860
				Folha	1.830

<u>MATERIAL</u>	<u>UNIDADE</u>	<u>QUANTI. EXIST.</u>	<u>MATERIAL</u>	<u>UNIDADE</u>	<u>QUANTI. EXIST.</u>
PAPEL JORNAL	Pac.	245	TINTA P/CARIMBO	Vidro	15
PAPEL CARBONO	Folha	1.740	TINTA P/MIMIÓGRAFO	Tubo	113
PAPEL FANTAZIA	Folha	386	TINTA P/ MARCAR		
PAPEL CELOFANE EM CORES	Folha	385	ROUPA (1/2 lit.)	Vidro	85
PAPEL CÓPIA VERDE	Pac.	34	TINTA NANKIN	Vidro	71
PAPEL SULFITE	Folha	164.100	TINTEIRO VIDRO	Tint.	56
PAPEL EMBRULHO	Folha	103	VERNIZ CORRETOR		
PAPEL INFORMAÇÃO IMPAUTADO	Folha	1.900	DE STENCYL	Vidro	12
PAPEL INFORMAÇÃO S/ PAUTA	Folha	500	<u>MATERIAL DE JOGOS</u>		
PAPEL OFÍCIO TIM-BRADO	Pac.	457	ALBUM DOS PEQUENINOS	Album	53
PAPEL P/MIMIÓGRAFO	Folha	15.000	ALBUM LEPORELO	Album	60
PAPEL 63-2 BRANCO	Pac.	3	ANIMAIS P/BRINCAR	Album	59
PASTA BOLSA ROSA 270 x 370	Pasta	155	AVES DO BRASIL	Bar.	207
PASTA BOLSA ROSA 210 x 370	Pasta	500	AGULHA P/COSTURAR		
PASTA BOLSA VERDE 210 x 370	Pasta	800	BOLA	Agul.	18
PASTA CLASSIFICAD.	Pasta	108	AGULHA P/ENCHER		
PASTA CLASSIF. 30x42 VERDE GRAND	Pasta	27	BOLA	Agul.	1
PASTA ENVELOPE ABERTA	Pasta	86	ALEGRIA DAS CRIANÇAS	Cad.	3.317
PAPEL SEDA-CORES DIVERSAS	Folha	9.000	ALFABETO DOS ANIMAIS		
PASTA ENVELOPE FECHADA	Pasta	351	ALINHAVOS EM CARTÃO	Cad.	170
PASTA C/PROGETOR (CINZENTA)	Pasta	782	APITO	Env.	512
PASTA PAPELÃO C/ FERRAGEM	Pasta	53	ARCOS DE VIME	Apito	166
PASTA P/PAPEIS C/ PRESSÃO NO LOMBO	Pasta	39	BARBANTE AMARELO	Arco	216
PASTA REGISTRADA-RA LONDON	Pasta	108	BARBANTE BRANCO	Rôlo	100
PENAS	Pena	705	BARBANTE VERM.	Rôlo	100
PERCEVEJOS	Caixa	101	BARBANTE VERDE	Rôlo	100
PROJEÇÕES METÁLICAS (DE LUXO)	Caixa	20	BARBANTE MARROM	Rôlo	100
PROJEÇÕES MET. P/ GUIA SEPARADORA	Caixa	4	BARBANTE AZUL	Rôlo	100
RÉGUA P/ CRIANÇA 30 cms.	Rég.	995	BASTÔES P/REVESTIMENTO	Bast.	216
GRAMPOS BOSTIK 25 1/2	Caixa	3	BOLA BASKET-BALL	Bola	18
GRAMPOS BOSTIK 2619 1/4	Caixa	15	BOLA BORRACHA	Bola	139
GRAMPOS BOSTIK 19-1/4	Caixa	15	BOLA CÂMARA (FUT.)	Bola	108
GRAMPOS BOSTIK 23-1/2	Caixa	12	BOLAS PING-PONG	Bola	455
STENCYL	Caixa	106	BOLICHES DE VOGAIS E NÚMEROS		
TALÃO VALE CARGA PROCESSO	Tal.	22	BOLINHAS DE GODE	Caixa	116
TALÃO VALE ANEXAÇÃO PROCESSO	Tal.	10	BOMBAS P/ENCHER	Bol.	2.600
TELAS SEDA GESSADA TETNER	Tela	4	BOLAS	Bomba	20
TINTA ESCREVER PRETA (1/2 litro)	Vidro	18	CADERNOS P/DESENHO	Cad.	86
			CASINHA BONECA	Cad.	500
			CAVAQUINHO MADEIRA	Cav.	5
			CAVALO FUTURISTA	Cava.	2
			CAVALO DE PAU	Cava.	1
			CENAS HISTÓRICAS	Cad.	141
			COLAR QUADROS DE RECORTES	Cad.	527
			COLHERES P/ JOGOS	Col.	53
			COM TINTA E PINCEL	Cad.	2.522
			COM TINTA E TE-		
			ZOURA	Cad.	2.930
			CONTADOR P/CRIANÇA	Cont.	20
			CONTAS MADEIRA	Cont.	10.000
			CORDA CANHAMO	Metro	168
			CORDA MANILHA	Metro	240
			CORDA P/ PULAR	Corda	309
			CORREIO INFANTIL	Cad.	927
			CORDA P/ TRAÇÃO	Corda	2

<u>MATERIAL</u>	<u>UNIDADE</u>	<u>QUANTI.</u>	<u>EXIST.</u>	<u>MATERIAL</u>	<u>UNIDADE</u>	<u>QUANTI.</u>	<u>EXIST.</u>
CORTIÇA P/NATAÇÃO	Cor,	28		QUEBRA-CABEÇA GEO-			
CUBOS MADEIRA	Cubo	216		GRÁFICO	Env.	46	
CROQUET	Cro.	9		GATO PRETO	Bar.	5	
DADOS	Dado	1.150		RAQUETAS P/TENIS	Raq.	13	
DESENHAR É FÁCIL	Cad.	560		RECORTES MÁGICOS	Caixa	1	
DOMINÓ INFANTIL	Bar.	1.412		REDE P/VOLEY-BALL	Rede	22	
ENVELOPES P/TE-				REDE C/SUPORTE P/			
CELAGEM	Env.	84		PING PONG	Rede	36	
ESCRITORES BRASIL	Bar.	128		ROLA-ROLA	Car.	14	
ESTANTE C/ JOGO	Jogo	12		SACOS DE AREIA	Saco	36	
DE ESCOVA	Caixa	3		SACOS ESTOPA P/			
ESTOJOS DE BORDAR	Est.	4		CORRIDA	Saco	8	
ESTOJOS EMBULAS	Est.	18		SUPPORTES P/REDES			
ESTOJOS DE OLEADO	Caixa	9		DE VOLEY-BALL	Par	2	
FAZENDO CORDÕES	Ber.	279		SÉCULO XX	Jogo	5	
FLORES DO BRASIL	Caixa	4		SOPRALÕES	Bisn.	34	
FOOT-BALL DE MESA	Cad.	73		TELEFONES	Tel.	113	
FRUTAS DO BRASIL	Gaita	2		TEST INFANTIL	Caixa	38	
GAITAS	Gang.	1		TIRO PEGA	Caixa	40	
GANGORRAS	Uma	1		TRANÇANDO CESTINHA	Caixa	13	
GARRAFA P/SORTEIO	Um	3		UPA-UPA	Caixa	3	
GRADIL	Livro	361		VOU RECORTAR E			
HISTORIETAS	Livro	366		PINTAR ANIMAIS	Caixa	147	
HORAS FELIZES	Iman	49		XADRES POPULAR	Caixa	5	
IMAN FERRADURA	Cad.	36		YOYO DE MADEIRA			
IVOR O REI				PLÁSTICA	Yoyo	44	
JOGO BOLA AO CÉS-							
TO DE MESA	Caixa	2					
JOGO DA PULGA	Caixa	1					
JOÃO E MARIA	Cad.	25		MATERIAL DE LIMPEZA			
JOÃO TEIMOSO	Bone.	60		BOMBAS DE FLIT	Bom.	27	
LANTERNAS MARA-				BROCHAS P/PRIVADA	Bro.	91	
VILHOSAS	Env.	399		CESTOS DE VIME			
LONA P/MARCAÇÃO DE				(LIXO)	Cesto	24	
CAMPO VOLEY-BALL	Lona	15		CAPACHO FIBRA	Cap.	7	
LUDO REAL	Caixa	58		CERA VERMELHA	Lata	240	
LULUS E BICHANOS	Cad.	491		CREOLINA	Lata	86	
LUVA DE BOX	Par	1		ESCOVA DE CHÃO	Esco.	150	
MÁSCARA P/ ESGRIMA	Más.	2		ESCOVA RAIZ (MÃO)	Esc.	10	
MEU ALBUM	Alb.	104		ESCOVA P/ESCOVÃO	Esc.	38	
MEUS RECORTES	Env.	258		ESCOVA P/UNHAS	Esc.	52	
MICO PRETO	Bar.	228		ESCOVÃO P/ENCERAR	Esc.	16	
MINHAS DOBRADURAS	Env.	150		ESCOVÃO P/PISCINA	Esc.	18	
MINHAS FIGURAS	Cad.	144		ESFREGÃO (CHÃO)	Esf.	382	
MODELOS P/TECELA-				ESPANADORES	Esp.	44	
GEM	Env.	124		FLA NELA PÓ	Flan.	385	
OSSOS SOLDADOS	Env.	33		GASOLINA	Litro	78	
OVOS DE MADEIRA	Ovo	83		INSETICIDA	Lata	91	
CACHORRO PERDIDO	Caixa	2		LÍQUIDO POLIR			
MOLEQUE	Bar.	449		METAIS	Lata	76	
MENINO PINTOR	Cad.	1.567		LATA DE LIXO	Lata	26	
PEQUENO ARQUITETO	Env.	2.561		LIXÍVIA	Pac.	147	
PRESÉPIO	Env.	489		PALHA DE AÇO	Pac.	156	
TEATRO	Caixa	182		PÁS LIXO	Pá	48	
AT O PALHAÇO	Cad.	472		PAPEL HIGIÉNICO	rôlo	38	
PEQUENA MODISTA	Cad.	639		QUEROZENE	Litro	50	
ESTECAS P/TAMBORIM	Pet.	21		RÔDOS DE BORRACHA			
APEL INGLEZ P/				GRANDE	Rôdo	81	
COLAR RECORTES	Folha	700		RÔDO DE BORRACHA			
IAO MIRIM	Pião	10		PEQUENO	Rôdo	20	
JDROS ILUMINADOS	Env.	501		SABÃO	Ped.	264	
CARTETO DAS CRI-				SAPÓLIO	Ped.	387	
ANÇAS	Bar.	446		SODA CAUSTICA	Lata	178	
DEERRA CABEÇA-BAN-				TOALHAS P/ROSTO			
DETRA NACIONAL	Env.	47		(FELPUDAS)	Toa.	142	

<u>MATERIAL</u>	<u>UNIDADE</u>	<u>QUANTI.</u>	<u>EXIST.</u>	<u>MATERIAL</u>	<u>UNIDADE</u>	<u>QUANTI.</u>	<u>EXIST.</u>
CARVÉIRO	Chuv.	5		FILTRO SALUS	Filt.	2	
COLA P/CARPINTEIRO	Quilo	14		ÓLEO P/ FUSO	Vid.	19	
COLHER SOPA	Col.	305		PASSADOR TINTA			
COPOS ALUMÍNIO	Copo	13		FINA	Pas.	5	
COPOS GALALITE	Copo	756		PARAFINA BRANCA	Quilo	9	
COPOS P/ ÁGUA	Copo	154		PENEIRA FINA	Pen.	3	
CORRENTE FINA	Metro	40		PINCEIS CERDA			
CORRENTE GROSSA	Metro	6		BRANCA N° 32	Pin.	18	
COURO CRÚ	Ped.	1		PINCEL P/ÓLEO			
DEDAL	Ded.	255		N° 18	Pin.	100	
ESCALA MÉTRICA DE 6 DOBRAS	Esc.	4		PINCEL P/ ÓLEO			
ESCOVA AÇO TIPO MÉDIO	Esc.	15		N° 28	Pin.	100	
ESTÓPA ALGODÃO (BRANCA)	Quilo	20		PINCEL P/ ÓLEO			
ESTANHO VIRGEM EM VERGUINHAS	Ver.	33		N° 32	Pinc.	100	
ESPELHO C/MOLDURA BRANCA	Esp.	3		PRATOS ALUMÍNIO	Prato	6	
ESMALTE VERMELHO	Gal.	40		PRATO FUNDO	Prato	310	
ESMALTE ALUMÍNIO	Gal.	80		PRATO RAZO	Prato	191	
TINTA ESMALTE AM. RELO CANÁRIO	Gal.	56		PREGO DE 8 x 8	Quilo	3	
ESMALTE AZUL	Gal.	58		PREGO DE 10x10	Quilo	7	
ESMALTE BRANCO	Gal.	81		PREGO DE 12x12	Quilo	7	
ESMALTE CREME	Gal.	56		PREGO DE 13x15	Quilo	7	
ESMALTE ROSA	Gal.	71		PREGO DE 15x15	Quilo	7	
ESMALTE VERDE GARRAFA	Gal.	71		PREGO DE 15x18	Quilo	6	
MÁQUINA LAVAR ROUPA	Máq.	1		PREGO DE 17x21	Quilo	6	
MÁSCARA MARCA WILLISON	Másc.	6		PREGO DE 18x24	Quilo	6	
LACÀ ROSA	Quilo	2		PREGO DE 18x27	Quilo	7	
LEITE CONDENSADO	Lata	209		PREGO DE 18x30	Quilo	7	
LIXA P/ FERRO	Lixa	653		PREGO DE 19x36	Quilo	10	
LIXA P/ MADEIRA	Lixa	4.007		PREGO DE 19x33	Quilo	1	
LINHA ROSA (MEIA) LINHA ROSA	Mea.	825		PREGO DE 20x39	Quilo	8	
LINHA ROXA	Nov.	101		PREGO DE 22x42	Quilo	9	
LINHA ROXA	Mea.	289		PREGO DE 23x54	Quilo	7	
LINHA ROXA	Nov.	214		PREGO DE 22x48	Quilo	8	
LINHA ROXA MESCLA	Nov.	298		RELÓGIO PONTO	Rel.	1	
LINHA AMARELA	Mea.	1.104		RELÓGIO VIGIA	Rel.	7	
LINHA AMARELA	Nov.	330		ROLOS ARAME FINO	Rôlo	400	
LINHA AZUL	Nov.	322		SERRA METAL P/ ARCO	Serra	22	
LINHA AZUL	Mea.	288		SERRA P/METALIS DE 12x1/2 c/22 DENT.	Serra	96	
LINHA CINZA	Mea.	227		TEZOURA P/ PAPEL			
LINHA AZUL	Nov.	381		GRANDE	Tez.	33	
LINHA LILAZ	Mea.	789		SUCO L. RANJA	Lata	38	
LINHA VERMELHA	Mea.	373		TINTA A ÓLEO AMARELA			
LINHA VERDE	Mea.	882		TINTA A ÓLEO BEIJÉ	Gal.	40	
LINHA VERMELHA	Nov.	17		TINTA A ÓLEO AZUL	Gal.	40	
LINHA VERMELHA MES.	Mea.	123		TINTA ÓLEO BRANCA	Gal.	80	
LINHA VERMELHA MES.	Nov.	267		TINTA ÓLEO ROSA	Gal.	80	
LINHA PRETA	Mea.	494		TINTA ÓLEO VERDE	Gal.	17	
LINHA MARROM	Nov.	56		GARRAFA	Gal.	80	
LINHA LILAZ	Nov.	405		TINTA ÓLEO VERMELHO	Gal.	40	
LINHA MARROM	Mea.	629		TINTA EM PÓ VERMELHO	Quilo	1	
LINHA SALMON	Mea.	297		FRANCÊS			
LINHA SALMON	Nov.	370		TINTA EM PÓ AZUL	Quilo	5	
LINHA SULFURINO	Nov.	200		ULTRAMAR	Quilo	5	
LINHA P/ PRO	Face	318		TINTA EM PÓ	Quilo	5	
LINHA P/ PRO	Face	3		PRATA ALUMÍNIO	Gal.	22	
				TINTA ZARCÃO VERMELHO	Gal.	8	
				TIRANTE DE AÇO	Tir.	28	
				TRENAS DE AÇO	Tre.	25	
				TRENA LONA C/GUARANICÃO METALICA	Tre.	2	

<u>MATERIAL</u>	<u>UNIDADE</u>	<u>QUANTI.</u>	<u>MATERIAL</u>	<u>UNIDADE</u>	<u>QUANTI.</u>
		<u>EXIST.</u>			<u>EXIST.</u>
TRINCHA DE 1" TIPO DUPLA	Tri.	10	ESS. DEGOMENOL	Grs.	100
TRINCHA DE 2" TIPO DUPLA	Tri.	10	ARGIROL BARNES SÁL	Grs.	100
TRINCHA DE 1-1/2 TIPO DUPLA	Tri,	9	EXT. FLÚIDO GROSELHA	Grs.	50
VASOS DE BARRO	Vazo	7	ESS. CRAVO	Grs.	30
VIC-MALTEMA	Lata	53	SALOL	Grs.	100
VERNIZ CRIAJE	Gal.	2	VITAMINA D2	Caixa	20
VERNIZ STELA	Gl.	2	UZARINA GOTAS	Vidro	59
VERDE P/ CAL	Quilo	5	ANTI-CARIE XAVIER	Vidro	20
VERNIZ	Gal.	4	ONADINA	Amp.	151
			TANATUSSOL GOTAS	Vidro	382
			DECUFER COMP.	Vidro	8
			FORMOL	Grs.	2.600
			GADUZAN AMPOLAS	Caixa	194
			GAZE DE 1,45	Rôlo	43
			GAZE DE 1,90	Rôlo	53
			ALFON AMP. ADULTOS	Caixa	6
			ALFON AMP. INF.	Caixa	12
			LATAS EXAME FEZES	Lata	960
			TOXOIDE DIFÉRICO		
			PELO ALIMENT.	Amp.	169
			VACINAS P/TÍFICAS	Amp.	6.500
			VACINAS ANTI-VARIÓLICAS	Cap.	457
SOL. ADRENALINA	Vid.	5	PREGNIL AMPOLAS	Caixa	26
ESS. TEREBENTINA	Vid.	2	PREGNIL	Amp.	63
GLICOSE AMPOLAS	Amp.	267	ELETR. RGOL	Amp.	52
SÓRIO GLICOSADO	Amp.	24	SOL. CAFEINA	Amp.	117
SÓRIO FISIOLÓGICO	Amp.	49	TUBOS P/ ENSAIOS	Tubo	5
ANESTÉSICO MONINI	Cart.	87	LICOR FEHLING	Vidro	42
CACODILINI	Amp.	40	ASPIRINA	Grs.	50
SÓROS AGLUTINANTES	Caixa	10	SOL. CAFORI	Grs.	100
UROGLICOSE	Amp.	86x5	AZUL METILENO	Grs.	15
IOSALIL	Amp.	21x6	ALCOOL CANFORADO	Grs.	100
FORMULA 336 H.M.	Amp.	78	CLOROFÓRMIO PURO	Grs.	250
AMINOLISIN	Amp.	29	TABLETES CÂNFORA	Ta.	25
EMETINA 0,04	Amp.	1.300	SALOFENO SÁL	Grs.	80
ESPARADRAPO 4/5 WHITE CROSS	Rôlo	91	UROTROPINA SÁL	Grs.	230
ESPARADRAPO 2/5 WHITE CROSS	Rôlo	47	FENACETINA	Grs.	100
ESPARADRAPO 4/5 REX	Rôlo	13	GOMA ARÁBICA PÓ	Grs.	100
ESPARADRAPO 1/5 REX	Rôlo	36	ANTIPIRINA SÁL	Grs.	50
XTADURAS GESSADAS 6 cms.	Rôlo	4	IODURETO POTÁSSIO	Grs.	80
XTADURAS ORTOPEX 10 cms.	Rôlo	10	SACARINA	Grs.	25
CELLO-FIX 5 cms.	Rôlo	27	ÁCIDO PÍCRICO	Grs.	100
ESPARADRAPO LA.FABRA	Rôlo	2	BROMETO POTÁSSIO	Grs.	100
EUNARCON	Amp.	9	FUCSINA SÁL	Grs.	20
CIDO FÊNICO CRIST.	Grs.	500	ETER SULFÚRICO	Litro	12
CIDO BENZÓICO	Grs.	100	VIOLE TA GENCIANA	Grs.	250
CIDO SALICÍLICO	Grs.	100	CITRATO SÓDIO	Grs.	100
ENZONAFITOL	Grs.	100	PROTEINATO PRIMA SÁL	Grs.	80
ERMANGANATO DE POTÁSSIO	Grs.	100	MERCÚRIO CROMO SÁL	Grs.	350
ERCLORETO DE FERRO	Litro	1	BICARBONATO SÓDIO	Quilo	1 1/2
ULFO-ICHITIOL-AMÔNIO	Grs.	500	SULFATO ZINCO PÓ	Grs.	300
ERPINA	Grs.	100	SULFATO COBRE PÓ	Grs.	200
ALCILATOSÓDIO	Grs.	200	AMONIACO LIQ.	Litro	1/2
ERCAINA SAL	Grs.	20	SULFATO SÓDIO	Grs.	500
ZORAL HIDRATADO	Grs.	100	ÁCIDO CÍTRICO	Quilo	1
ENZOATO SÓDIO	Grs.	300	ÓXIDO ZINCO	Quilo	1 1/2
IRAMIDO	Grs.	200	ÁGUA ALIBOUR	Grs.	200
TINTURA AÇAFRÃO	Grs.	250	SOL. PROTARGOL	Grs.	200
ALCOL	Grs.	40	TINTURA IODO	Litro	1
OL. AZUL METILENO	Grs.	200	SOL. MERCÚRIO CROMO	Litro	1
			PANELAS	Pan.	2
			SOL. ARGIROL	Grs.	400
			AMIDO	Quilo	1

MATERIAL	UNIDADE	QUANTI. EXIST.	MATERIAL	UNIDADE	QUANTI. EXIST.
ACONATO CÁLCIO	Quilo	5	NOVALGINA COMP.	Comp.	120
ACIDO BÓRICO	Quilo	1	LOBELINA FORTE		
ALBUMINA	Vidro	11	AMP.		
ALDON	Lata	26	CARDIAZOL EFEDRI-		
AMUNIT	Amp.	50	NA AMP.		
ANOVARSOL COMP.	Vidro	7	OTOTINAZAMIDA	Vidro	87
ANIMENTO LÁTICO	Vidro	3	EUCAALMINA	Vidro	5
ANALGIL POMADA	Tubo	2	MARACUGINA	Vidro	1
ANOLOCO	Tubo	4	TALCO YVES	Lata	2
ANMIOFAN	Tubo	1	ARSION ELIXIR	Vidro	1
ANBERT ANALGÉSICO			RINÓBIO	Vidro	1
AN-DENTÁRIO	Tubo	2	SOL. LUGOL	Vidro	1
ANDENAL COMP.	Tubo	1	DIGESTIVO S. ARIUJO	Vidro	4
ANSELINA SIDEPAL	Tubo	1	ALCAFELÓL	Vidro	3
ANRA DR. LUSTOSA	Tubo	2	SERENÓL	Vidro	1
ANOSALINA COMP.	Tubo	10	BEVEX COMP.	Tubo	3
ANOVACHIMOSIN COMP.	Tubo	2	BEVEX AMP.	Vidro	3
ANPERCARBON BÉRCIA	Tubo	5	GYNOESTRIL	Vidro	33
ANTRANSVERMIL	Tubo	1	SÓRIO FISIOLÓGICO	Amp.	4
AN.S. ADRENALINA	Vidro	4	AMINOZOL	Comp.	26
ANRAMINA GOTAS	Vidro	4	SULFADIAZINA COMP.	Comp.	900
ANOLAMINA GOTAS	Vidro	18	APIOMAROL	Vidro	1
ANÍDO NICOTÍNICO COMP.	Vidro	99	ANKILOSTOMINA	Vidro	17
ANGOVITA	Vidro	5	CONVULSANETAS	Vidro	70
ANOLFATALIDINA COMP.	Vidro	4	SULFAMIDIL COMP.	Vidro	1
ANTEBRINA	Vidro	88	ACETARSONE COMP.	Vidro	2
ANGINOTRAT COMP.	Tubo	66	PÍLULAS DE GARCIA	Tubo	19
FÓRMULA 227	Fo.	5	BROMURAL COMP.	Tubo	2
VITAMINA B1	Caixa	3	PANTERIC COMP.	Vidro	80
FÓRMULAS 232	F.	5	TRISULFA COMP.	Tubo	1
VITAMINA D H.M.	Caixa	2	NITRATO PRATA BASTÃO	Tubo	1
BLOCOS ENCAM. H.M.	Bloco	99	ATUITRIN	Vidro	1
BLOCOS RECEITUÁRIO	Bloco	92	DERMOTIAZAMIDA POM.	Tubo	27
BLOCOS C.M.O.	Bloco	6	RINOSINUS	Vidro	5
ENCAMINHAMENTO H.M. C.R.	Bloco	10	NEO POMALGAN POM.	Tubo	12
ENCAMINHAMENTO CLÍ- NICAS EXT.M.	Bloco	27	ECZESAN POM.	Tubo	6
ENCAMINHAMENTO NTO CLUB MENORES	Bloco	2	SALICILATO METILA	Vidro	8
GULHAS P/ SUTURA	Ag.	24	TINTURA BELADONA	Vidro	5
PINÇAS P/AGR.FES	Pin.	20	TINTURA ARNICA	Vidro	4
TERMÔMETROS	Term.	31	GLICERINA	Vidro	27
SERINGAS ARGENTI- NAS 5cc.	Ser.	20	IODO RESUBLIMADO	Vidro	12
SERINGAS 10 cc.	Ser.	9	TINTURA BENJOIM		
SERINGAS 20 cc.	Ser.	12	COMPOSTA	Vidro	5
ATOMIZADOR	Ato.	9	TETRACLORETO DE		
ATOMIZADOR N° 15	Ato.	1	CARBONO	Vidro	10
SEDA CIRÚRGICA	Tubo	89	ÓLEO CHENOPÓDIO	Vidro	8
GULHAS DE 25/7 30/8 25/8 30/7 20/7	Ag.	302	FÓRMULA SUB-NITRA- TO DE BI	Vidro	13
SOL.NITRATO PRATA	Vidro	13	MANTEIGA CACAO	Quilo	7 1/2
EUGENOL	Vidro	1	GESO	Quilo	16
MOSTARDA COLMANS	Lata	43	FARINHA LINHAGA	Quilo	5,150
ATADURAS DE 12 cms.	Dz.	3	FOSFATO TRICÁLCIO		
ATADURAS 8 cms.	Duz.	2	TRIBÁSICO	Caixa	14
ATADURAS 4 cms.	Rolo	19	FOSFATO TRICÁLCIO		
PROLACTIL AMP.	Caixa	418	TRIBÁSICO 100 grs.	Caixa	15
STER SULFÚRICO	Litro	42	ROLHAS CORTICA	Rolha	1,000
TRIAMIDA	Comp.	2.000	ROLHAS CORTICA 5	Rolha	300
NOVALGINA AMP.	Caixa	5	BOCAES P/ESPIRÔ-		
			METRO	Boc.	40
			ÁGUA OXIGENADA	Litro	4
			BORRACHA GROSSA	Metro	1
			SCUROCHINA CAR- TUCHOS 5%	Car.	38

MATERIAL	UNID. DE	QUANTI. EXIST.	MATERIAL	UNIDADE	QUANTI. EXIST.
PROPIDON	Amp.	10	ANTILIMAR	Amp.	70
SOUROCAINA 1%	Caixa	1	TOXOIDE-DIFTERI-		
ROTELMIN FONTOURA	Caixa	12	CO-COQUELUCHE	Amp.	2.850
OSTEDEA	Amp.	40	FLEBODEX FORMINA	Amp.	950
VITAMINA BATISTA	Amp.	600	HEMOGLON	Amp.	2.500
CALCIASCORTAL	Amp.	80	NEOLISAN	Amp.	200
VITANOVA	Amp.	1.500	TOXILNTIL	Amp.	438
ESTRONCIANIL	Amp.	106	IODURETO SÓDIO		
CRISÓBIOS	Amp.	400	5 cc.	Amp.	400
SENOTIOL	Amp.	20	BOLSA DE GELO	Bol.	1
SOLUTILAZAMIDA	Amp.	8	BOLSA ÁGUA QUENTE	Bol.	1
ACETILARSAN INF.	Amp.	3.200	APARELHO PRESSÃO	Apa.	6
ACETILARSAN ADUL.	Amp.	100	SERINGAS HIPOD.		
AMINO-CRON COLÍRIO	Vidro	17	IDEAL 20cc.	Ser.	13
AMINO-CRON TÓPICO	Vidro	1	SERINGAS HIPOD.		
PULVOTIAZAMIDA LATA	Lata	2	IDEAL 10 cc.	Ser.	35
FILOHEPAT LIQ.	Vidro	32	SERINGAS HIPOD.		
HEPANEURIN LIQ.	Vidro	28	IDEAL 5 cc.	Ser.	35
DIOLISA XPE	Vidro	25	SERINGAS HIPOD.		
VITAFIGAN LIQ.	Vidro	32	IDEAL 3 cc.	Ser.	16
BENSOTIOL XPE	Vidro	132	TUBO CATGUTE	Tubo	1
EXT. FLUIDO DE CC			CONTA GOTAS	Con.	13
IMPLANTE AMARGAS	Grs.	100	PENTES AGRAFES	Pen.	40
EXT. FLUIDO TOLU	Grs.	100	LAMINAS P/VICINAR	Lam.	12
SOL. BICLORETO HG	Litro	125	AGULHAS INSITIVAS		4
SOL. CLORETO CÁLCIO	Vidro	265	ESTETOS ÓPIO INU-		
SOL. CLORETO M.GNÉSIO	Vidro	145	TILIZADO	Est.	1
ACIDO MURIÁTICO	Litro	19	FITAS MÉTRICAS	Fit.	17
KELENE	Bisn.	156	PINCAS LISAS	Pin.	19
SALICILATO SÓDIO			PINCAS DENTE DE		
BIOTERGOS	Vidro	220	RATO	Pin.	16
PROTO-IODETO FERRO			BISTURI	Bis.	8
DUPASQUIER	Grs.	300	TESOUR. RETA	Tes.	5
GIBERT XPE	Litro	1	ABATIVA LÍNGUA	Am.	37
XPE. MULUNGÚ E BRO-			ALTIMETRO	Sfi.	1
MOFÓRMIO	Litro	1	EUCALIPTOL	Euc.	1
ÓLEO RÍCINO	Litro	500	CÁLCIO COLOIDAL		
LAXOL	Litro	10	AMP.		
SOL. ACETATO CHUMBO	Litro	13	RIBOFILIAN COMP.	Vidro	76
ALCOOLATO VULNERA-			MICOZOL LIQ.	Vidro	32
RIO	Litro	7	IE ITD M.G. PHIL.	Vidro	40
ÁGUA BORICADA	Litro	32	CALCIGENOL IRRIT.	Vidro	10
DIGENAN COMP.	Comp.	2.434	CALCIGENOL SIMP.	Vidro	20
ACETATO AMÔNIO	Litro	1	VITAMINA A PEROL.	Vidro	1
CARBONATO POTASSIO	Quilo	5	FIGUESTOMIL XPE	Vidro	1
ACAMINA	Amp.	70	EMULSÃO SCOTT PQ.	Vidro	1
NOVOGLAN	Amp.	60	ALEROL VERMF.	Vidro	44
IONASE	Amp.	100	ALGODÃO	Grs.	28.250
TUBERCULINA	Amp.	190	METOQUINA	Caixa	41
IODO-BISMUTATO			POMADA BELADONA	Lata	9
DE QQ	Amp.	1.800	POMADA ICHITIOL	Lata	48
HIDRÓXIDO BISMUTO	Amp.	62.10	PASTA DE LASAR	Lata	1
OXIODETO BISMUTO	Amp.	1.945	POMADA RECLUS	Lata	35
ALICILATO SÓDIO			POMADA MERCURIAL	Lata	1
GRANUL. DO	Vidro	174	POMADA HELMERICH	Lata	8
ORDARGÍRIO	Amp.	2.300	VASELINA PASTA	Lata	1
ORDARGÍRIO 2cc.	Amp.	2.550	UNGUENTO PICRATO		
ARDIOVITOL	Amp.	22/3	DE BUTESIN	Lata	2
RG.NO-NEURÓPTICO			LANOLINA	Quilo	5
B	Amp.	380	GALPAR	Lata	1
LTR.NEURO	Amp.	435	OSMOPULMIN AMP.	Caixa	107
ULGRÓL	Amp.	430	ALCOOL RET.	Litro	44
EIMIOL	Amp.	100	AMONIACO LIQ.	Litro	15
ORMOPATENO	Amp.	230	BENZINA	Litro	2
LUDAN	Amp.	244	LÍQUIDO DAKIN	Litro	20

<u>MATERIAL</u>	<u>UNIDADE</u>	<u>QUANTI. EXIST.</u>	<u>MATERIAL</u>	<u>UNIDADE</u>	<u>MATERIAL OTO-RINO</u>	<u>QUANTI. EXIST.</u>
ÁGUA OXIGENADA	Litro	16	FERROS AVULSOS	Ferro	8	
ÁGUA DISTILADA	Litro	2	CADERNO ANOTA- ÇÕES (DR. LAMY)	Cad.	1	
VASELINA LIQ.	Litro	1	FERROS AVULSOS	Ferro	7	
ESS. TEREBENTINA	Litro	3	ARMAROFRONTE	Tes.	5	
BALSAMO FIORAVANTE	Litro	1	ESPÉLHO FRONTAL	Esp.	1	
ELIXIR PAREGORICO	Litro	1	CUBAS RETANGULARES	Cub.	3	
TINTURA ARNICA	Litro	2	CUBAS RENIFORMES	Cub.	1	
BALSAMO DO PERÚ	Vidro	11	ABAIXA LÍNGUI-	Um	1	
XILOL	Vidro	11	ESPÉLHO BUCAL	Esp.	4	
ACIDO CLORÍDRICO	Vidro	3				
ACIDO ACÉTICO	Vidro	6				
EXSUDIN	Vidro	24				
FELEOL	Vidro	11				
HELMINTAN	Vidro	26				
CORAMINA	Amp.	110				
SÓRIO NEUROPLÁS- TICO	Amp.	16				

MATERIAL ODONTOLÓGICO

VERNIZ	Vidro	48
AMALGAMA	Caixa	6
MERCÚRIO VIVO	Vidro	6
DISCOS	Dis,	50
TINTURA IODO	Vidro	7
AGULHAS P/SERINGA		
CARPULE (CURTAS)	Ag.	126
AGULHAS P/SERINGA		
CARPULE (LONGAS)	Ag.	96
CLOROFENOL	Clo.	1
MATRIZES IVORY	Duz.	12
SULFANILAMIDA PÓ	Vidro	8
CAVITINE	Vidro	8
CELLULOID STRIPS	Caixa	8
GUTA PERCHA	Caixa	4
COPER AMALGAMA	Caixa	8
CAULK POINTS	Caixa	8
TRICRESOL FOTMALLINA	Vidro	3
CIMENTO	Caixa	8
FENOL	Vidro	8
ACIDO TRICLO ACÉ- TICO	Vidro	8
MONO CLOROFENOL	Vidro	8
SEDA DENTAL	Tubo	8
ACIDO FENOL	Vidro	8
PERFECTION POLI	Caixa	8
ÓXIDO DE ZINCO	Vidro	8
DISCOS DE PAPEL SORTIDO	Caixa	8
ÁGUA OXIGENADA DE 250 grs.	Vidro	7
TIMOL LIQ.	Vidro	8
PONTAS MONTADAS S.S/W	Pcn.	50
PORCELANA LIQ. PÓ	Vidro	22
SPÉLHO BUCAL	Esp.	4
ENCAMINHAMENTO CLÍNICA DENTÁRIA	Bloco	27
PINÇAS P/DENTISTAS	Pin.	4
SONDA	Son.	1

SECÇÃO TÉCNICO-EDUCACIONAL

BIBLIOTECA ESPECIALIZADA E RECREATIVO-EDUCACIONAL

CONSULTAS	DEZEMBRO	TOTAL	PORCENTAGEM SÔBRE O TOTAL
Bibliotecária	2	2	1,67
Dentista	3	3	2,50
Educadora jardineira	6	6	5,00
Educadora musical	5	5	4,17
Educadora recreacionista	7	7	5,83
Educadora sanitária	10	10	8,33
Educadora social	9	9	7,50
Externo	9	9	7,50
Funcionário administrativo	39	39	32,50
Instrutora	17	17	14,17
Médico	4	4	3,33
Operário	9	9	7,50
	120	120	100,00%

CLASSES CONSULTADAS	TOTAL	PORCENTAGEM SÔBRE O TOTAL
OBRAS GERAIS - 000		
REVISTAS E PERIÓDICOS GERAIS - 050	1	0,83
FILOSOFIA - 100		
Psicologia especial - 130	7	5,83
Psicologia geral - 150	1	0,83
Moral e Ética - 170	1	0,83
TEOLOGIA - 200		
Teologia prática, Moral, Mística - 240	1	0,83
CIÊNCIAS SOCIAIS - 300	7	5,83
Assistência. Instituições sociais - 360	4	3,33
Ensino. Educação - 370	11	9,17
Etnografia. Costumes. Folclore - 390	3	2,50
FILOLOGIA - 400		
Língua francesa - 440	1	0,83
Língua portuguesa - 469	3	2,50
CIÊNCIAS PURAS - 500		
Química - 540	1	0,83
Antropologia. Biologia geral - 570	4	3,33
Zoologia - 590	1	0,83
CIÊNCIAS APLICADAS - 600		
Medicina - 610	15	12,50
BELAS ARTES - 700	1	0,83
Música - 780	2	1,67
Divertimentos - 790	6	5,00
LITERATURA - 800	2	1,67
Ficção - 800	35	29,17
Romance - 800	5	4,17
HISTÓRIA.GEOGRAFIA.BIOGRAFIA - 900	1	0,83
Geografia política - 910	6	5,00
Américas - 980	1	0,83
	120	99,97%

DISCOTECA

Histórias	-	2
Músicas em geral	-	47
TOTAL		49

CALENDÁRIO - FEVEREIRO

2 de fevereiro

1852 - É derrotado o ditador argentino Mánuel Rosas, na batalha de Monte Caseros, pelo exército aliado (brasileiros, entre-rianos, uruguaios, etc.). Nessa batalha o exército brasileiro saiu-se brilhantemente, dai o grande respeito com que foi cercado o Império Brasileiro pelos países platinos.

7 de fevereiro

1827 - O Dr. José da Costa Carvalho publica, em uma tipografia própria, o primeiro jornal de São Paulo: o "Farol Paulistano". O jornal não tinha assinantes, saia às quartas e aos sábados e era vendido por 80 réis o número avulso. Foi publicado até 1832.

10 de fevereiro

1912 - Falece o grande estadista brasileiro Barão do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos). Diplomata dos mais brilhantes, vasta cultura em assuntos históricos e geográficos, conseguiu, graças exclusivamente às suas exposições sempre muito bem fundamentadas, anexar milhares e milhares de quilômetros quadrados ao território brasileiro sem que uma só gota de sangue fosse derramada.

Com ele vêm o Brasil resolvidas quase todas suas questões de limitação de fronteiras; exerceu desde 21 de novembro de 1903 até sua morte a pasta das Relações Exteriores, onde sua presença foi considerada verdadeira necessidade nacional.

A morte do Barão do Rio Branco, foi, podemos dizer, sem medo de exagerar, a mais lamentada, até hoje, por todos os brasileiros do vasto território nacional; seus funerais revestiram-se de incrível pompa sendo seus acompanhantes a quase totalidade da população do Rio do Janeiro.

14 de fevereiro

1502 - Cristóvão Colombo enceta sua quarta viagem ao Novo-Mundo.

15 e 16 de fevereiro

1630 - Segunda invasão holandesa do Brasil, desta vez vizando Pernambuco. A frota holandesa era composta de 70 navios com sete mil homens que, sem dificuldade, invadiram Olinda. Matias de Albuquerque, o governador, na impossibilidade completa de resistir, manda incendiar armazéns e navios, entrincheirando-se no Arraial do Bom Jesus.

19 de fevereiro

1649 - Reagindo contra os holandeses invasores os brasileiros, sob comando do João Fernandes Vieira, conseguiram abatê-los em vários combates. A maior derrota infligida aos invasores foi verificada na 2a. batalha dos Guararapes, a 19 de fevereiro de 1649; após essa data os inimigos não ousaram mais sair a campo.

No movimento de resistência não devem ser esquecidos os nomes de Felipe Camarão, André Vidal do Negreiros, Henrique Dias e Francisco Barreto.

24 de fevereiro

1468 - Falece Gutenberg, o inventor da imprensa.

1891 - Proclamada a república brasileira a 15 de novembro de 1889, necessária se fazia a elaboração de uma constituição. Sob a presidência do Dr. Prudente de Moraes a Assembléia Constituinte instalou-se a 15 de novembro de 1890, terminando seus trabalhos a 24 de fevereiro de 1891, quando foi promulgada a Constituição da República Federativa do Brasil; nesse mesmo dia dissolveu-se a Constituinte para formar o Senado e a câmara.

25 do fevereiro

1684 - Manoel Beckman chefiá a revolta do Maranhão, tomado conta da cidadela; deposto o governador os revoltosos nomearam uma junta de governo. Tornando-se impopular Beckman e com a nomeação de novo governador para o Estado do Gran-Para e Maranhão, é ele preso e condenado à morte. E, enquanto os cúmplices do movimento procuravam desculpar-se atribuindo-lhe toda a responsabilidade da revolta, Manoel Beckman subia ao patíbulo contento porquê morria pelo povo do Maranhão.

1891 - Em obediência à Constituição, foi efetuada a eleição do primeiro presidente do Brasil. E, não obstante já haver perdido grande parte da popularidade que anteriormente gozara, foi eleito presidente o marechal Doodoré da Fonseca; como vice-presidente elegoram Floriano Peixoto.

--- - 0 0 0 - - -

CALENDÁRIO AGRÍCOLA PARA O MÊS DE FEVEREIRO

No NORTE do Brasil someiam-se fumo e hortaliças; plantam-se arroz, araruta, algodão, batatas, foijão de corda, mandioca, milho, melões e capins forrageiros. Colhem-se abacaxi, cajú, pinha, molaça, melão e outras frutas. Também se colhe a semente de seringueira para formar somontoiras, e preparam-se o guaraná e a borracha sernambi.

Na Amazônia transplantam-se soringuciras, cacaueiros e árvores frutíferas.

No Brasil CENTRAL continua-se a preparação das terras para as plantações de Abril e Maio. Someiam-se hortaliças e capins; transplantam-se os cacaueiros semeados em Setembro e Outubro.

Plantam-se cana de açúcar, alfafa, batata doce e inglesa, foijão, ervilha, cevada, centeio, trigo.

Colhem-se batata doce, arroz, foijão, alfafa, milho verde, uvas, peras, abacaxis. Continua-se o tratamento das hortas e dos pomares, assim como também a limpeza dos pastos e canaviais novos.

No SUL se someiam aipo, alfago, alcachofras, couve, repolhos, nabos, salsa e cana. Plantam-se batatas inglesas; continua a colheita de frutas; também se colhe milho promaturo e algodão. Em São Paulo colhem-se os últimos abacaxis e as primeiras laranjas da safra. No Rio Grande do Sul começa a vindima e a preparação do vinho. No Paraná planta-se abacaxis e colhem-se uvas, maçãs, peras e pêssegos.

-----, -----

INSTRUÇÕES, AVISOS, APÉLOS

ORDEM INTERNA Nº 97, DO PROFESSOR MIGUEL SANSÍGOLÓ

"Ofício n. 97

São Paulo, 24 de Dezembro de 1948

A Ed. 1

ORDEM INTERNA

Os continuos, guardas e porteiros dos Parques Infantis, trabalhando nestes, ou no Departamento de Educação, Assistência e Recreio, deverão usar, em serviço, em 1949, a farda fornecida pela Prefeitura, com o respectivo distintivo, Ed. 1 deverá tornar todos os Diretores dos Parques Infantis e os Chefes de Ed. 1, cientes desta "Ordem Interna".

(a) Prof. Miguel Sansigolo
Diretor do Departamento de Educação, Assistência e Recreio

CIRCULAR N° 2, DO DR. PAULO TEIXEIRA NOGUEIRA

Circ. nº 2

Secretaria de Negócios Internos e Jurídicos
Departamento do Expediente e do Pessoal

São Paulo, 15 de Janeiro de 1949

Ilmo. Sr.

Afirme facilitar os trabalhos de assentamentos dos funcionários, solicito de V.S. a gentileza de providenciar no sentido de que, nas comunicações de início de férias dos funcionários dessa Unidade, venha mencionado, também, o número de dias de férias a que têm direito, nos termos da lei n.º 3712/48.

Saudações.

(a) Paulo Teixeira Nogueira
Diretor.

NOTICIÁRIO

CONCURSO DE DESENHO

Temos o grato prazer de comunicar que a menina Ana Maria Pinheiro, de 4 anos, matriculada no P.I. Brooklin, sob n. 62, foi classificada em 2º lugar, no 1º Concurso de Desenhos Infantis, realizado na Galeria Prestes Maia, pelo D.E.I.

A contemplada e ao referido Parque os nossos sinceros parabens.

ALMOÇO NO PARQUE INFANTIL CASA VERDE

Realizou-se no dia 29 de Dezembro, às 10 horas, no Parque Infantil de Casa Verde, um almoço dedicado às crianças da referida Unidade.

DISTRIBUIÇÃO DE BRINQUEDOS NO PARQUE INFANTIL SÃO RAFAEL

No dia 31 de Dezembro, às 9,30 horas, Papai Noel surgiu no Parque Infantil São Rafael, afim de proceder a uma distribuição de brinquedos aos parqueanos da referida Unidade.

Essa figura lendária, que desperta tantos sonhos nos corações das crianças, foi recebida num ambiente de emoção e entusiasmo indescritíveis.

A Diretora, D. Zélia de Campos, aproveitou esse magnífico momento para por em execução, pela segunda vez, o programa da festa de Natal, que em sua primeira apresentação teve grande parte de seu brilho empanado devido ao mau tempo reinante.

Abriu o festival a peça intitulada "A Gata Borralheira", cujos representantes se houveram com raro brilho.

A seguir, extasiaram os espectadores, os bailados "Dansa Húngara" e "Espanha", que receberam ótimo desempenho dos pequenos artistas.

Continuando, empolgou a assistência, representada quase que exclusivamente pelas mães das crianças, o bailadinho "Dansa do Telhado".

Para encerrar, Papai Noel, fez larga distribuição de brinquedos à criançada, que os recebia de olhos arregalados e com o coração a palpitar.

A diretora, para incentivar a frequência, aliás ótima, premiou os 10 primeiros colocados por ordem de assiduidade.

E assim terminou essa linda festa, deixando uma grata recordação aos que tiveram a felicidade de assisti-la.

Notícia escrita pela educadora recreacionista
do Parque Infantil São Rafael

MARIA JOSEPHINA TAVOLIERI

CERIMÔNIA DE POSSE

Aos oito de Janeiro próximo passado, realizou-se, em solene festividade, no Departamento de Educação, Assistência e Recreio, à Rua Gabriel dos Santos n.º 30, a cerimônia de posse do Professor Miguel Sansigolo, Dr. João de Deus Bueno dos Reis, Da. Noêmia Ippólito e Dr. Geloira de Campos, respectivamente para os cargos de Secretário de Educação e Cultura, Diretor do Departamento de Educação, Assistência e Recreio, - Chefe da Divisão de Educação, Assistência e Recreio e Chefe da Secção Técnico-Educacional da Divisão de Educação, Assistência e Recreio.

SAUDAÇÃO ÀS EDUCADORAS, POR UMA FREQUENTADORA DO R.I.DA LUZ

N A T A L D E 1 9 4 8

Querida Directora, professoras e funcionárias do Recanto Infantil da Luz.

Acabamos de comemorar num ambiente de grande alegria a nossa festa do NATAL.

Aproveitando esta reunião nós crianças e nossas mães, queremos prestar-vos uma homenagem.

É neste Recanto que passamos a maior parte do dia.

Para nós é ócio a continuação do nosso lar.

Aqui somos tratados com o máximo carinho e atenção e temos em cada professora uma verdadeira amiga que olha por nós, nos ensina e nos educa.

Como prova de nosso reconhecimento vos oferecemos uma lembrança juntamente com nossos melhores votos de BOM NATAL E FELIZ ANO NOVO.

EXPOSIÇÃO - FEIRA FLUTUANTE DE SÃO PAULO

Partiu de Santos, no dia 9 de Janeiro, rumo aos portos do nordeste, o navio D. Pedro I, que vai realizar um cruzeiro de quarenta e três dias, levando a bordo a Exposição-Feira Flutuante de S. Paulo, patrocinada pela Prefeitura da Capital e pelo Touring-Clube do Brasil. Entre os passageiros, constaram expressivas figuras da Sociedade de S. Paulo, do Rio e de outras unidades federativas, tais como o Dr. Elias de Siqueira Cavalcanti, Secretário de Educação e Cultura da Municipalidade de São Paulo; Dr. Humberto Reis Costa, Director da Federação de Indústrias do mesmo Estado; Dr. Abner Mourão, Director do Touring Clube em São Paulo e ex-diretor do "Correio Paulistano", etc.

Também seguiu, como estava anunciado, com 24 figuras o Corpo de Baile da Sra. Maria Olenewa, de São Paulo, o qual se exibirá nos principais portos do itinerário Rio-Manaus.

VISITANTES ILUSTRES

Uma comissão de oficiais de Porto Alegre, chefiada pelo capitão Jácinto Francisco Farga, diretor da Escola Superior de Educação Física da Capital Gaúcha, presentemente em São Paulo, esteve dia 20 de Janeiro na Secretaria de Educação e Cultura, em visita ao suítilar, professor Miguel Sansigolo.

Os ilustres visitantes percorreram demoradamente as seguintes Unidades: Parque Infantil D. Pedro II, Parque Infantil da Barra Funda, Parque Infantil Vila Romana, Parque Infantil do Tatuapé, Parque Infantil Benedito Calixto, Parque Infantil Ibirapuera e Recanto Infantil da Luz. Foram acompanhados por Dr. João de Deus Bueno dos Reis, Director do Departamento de Ed., Assistência e Recreio, Da. Noêmia Ippólito, Chefe da Div. de Educação, Assistência e Recreio - D. Gelóira de Carvalho, Chefe da Secção Téc.-Educacional e D. Ruth Amaral Carvalho, Conselheira de Atividades Artísticas.

CONVITE

7-1-1948

AO SR.DR.JOÃO DE DEUS - DO.Director do Dep.de Cultura e P.Infantis.

Tenho o prazer de convidar V.S. para as solenidades que realizar-se-ão no dia 22 do corrente, sendo a primeira às 14 horas, inauguração da Exposição dos Trabalhos dos Alunos da Escola Senai da Cia. Nitro Química Brasileira, e a segunda às 20 horas, entrega das cartas de ofício dos diplomandos de 1948, no Clube de Regatas Nitro Química, sede social.

Aproveito a oportunidade para lhe apresentar os meus protestos de estima e consideração.

Atenciosamente subscreve

(a) Paulo A. Palmeira
Diretor

NOTA: Foi designado para representar o Sr. Director nas solenidades, o Sr. Ruy Guglielmetti, Conselheiro de Assistência a Rapazes.

INÍCIO DE FUNCIONAMENTO DO
PARQUE INFANTIL "PRESIDENTE EURICO GASPAR DUTRA"

Realizou-se no dia 25 de Janeiro, às 16 horas, a solenidade da comemoração do inicio do funcionamento do Parque Infantil "Presidente Eurico Gaspar Dutra", a qual constou do seguinte:

- a) - Recepção aos convidados de honra.
- b) - Sessão teatral - Dramatização: "A Bela Adormecida" - pelas crianças do Parque Infantil D. Pedro II.
- c) - Distribuição de guloseimas às crianças.

Abrilhantaram a festividade com sua presença: - Dr. Adhemar de Barros, DD. Governador do Estado; Secretário de Educação e Cultura, Professor Miguel Sansigolo; Diretor do Departamento de Educação, Assistência e Recreio, Dr. João de Deus Bueno dos Reis; Chefe da Divisão de Educação, Assistência e Recreio, Da. Noêmia Ippólito e e Chefe da Secção Técnico-Educacional, D. Geloirá de Campos.

REUNIÃO TÉCNICO-CONJUNTA

Realizou-se a 20 de Janeiro p. passado, no salão de reuniões da Divisão de Educação, Assistência e Recreio, à Rua Gabriel dos Santos, 30, a habitual Reunião Técnico-Conjunta, desta vez com o fito de homenagear os professores de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul, em visita às nossas instituições.

A palestra, ilustrada com interessante filme, esteve a cargo do Dr. Francklin de Moura Campos, que discorreu sobre o tema "Alimentação".

Para agradecer a homenagem, foi oferecida ao Diretor do Departamento de Educação, Assistência e Recreio, Dr. João de Deus Bueno dos Reis, uma flâmula da Escola de Educação Física do Rio Grande do Sul.

REUNIÃO MARCADA

A data da próxima reunião será oportunamente levada ao conhecimento dos Srs. Diretores.